

A Ilusão Pré- Milenista

O Quiliasmo analisado à luz da Escritura*

Brian Schwertley

Tradução: Marcelo Herberts

Fevereiro / 2006

Conteúdo

Contradições Pré-Milenistas	3
1. O mito da interpretação literal vs. não-litera.....	3
2. O dia do Senhor	4
3. A falácia cronológica	11
4. Governo terreno ou celeste?.....	12
5. O retorno em chamas flamejantes.....	15
A Opção Pós-Milenista	17
1. O aprisionamento de Satanás.....	17
2. O Reino milenar	21
3. A primeira ressurreição	24
4. O Reino como milênio	27
5. O período do Reino.....	27
A Natureza do Reino.....	36
1. O Reino é espiritual	36
2. O Reino é universal	38
3. O Reino é expansível	40
Profecias do Reino do Antigo Testamento	44
O Reino do Messias	53
1. Conhecimento universal do verdadeiro Deus	53
2. Todas as nações adorarão Jeová	54
3. A igreja sobressairá nos acontecimentos do mundo	55
4. Paz universal	56
5. Grande prosperidade.....	57
Objeções	64
Falácias Escatológicas Comuns	69
1. O anticristo.....	69
2. A besta.....	70
3. A marca da besta.....	73
Conclusão	76

* N.T.: *Quiliasmo*, a partir do termo grego *chilioi* – com significado de “mil” – refere-se em sentido geral à doutrina da era milenar ou do reino que ainda há de ser, a crença de que Cristo retornará para reinar por mil anos. O termo tem sido substituído pela designação *pré-milenismo*; há mais implícito no termo do que mera referência a mil anos. São mil anos interpostos entre a primeira e a segunda ressurreição da humanidade. Nesses mil anos todas as alianças com Israel serão cumpridas. Toda a expectativa do Antigo Testamento está em jogo, com seu reino terreno, a glória de Israel e a promessa do Messias sentado no trono de Davi em Jerusalém (L.S. Chafer, *Systematic theology*, IV, p. 264-5)



Contradições Pré-Milenistas

A visão escatológica predominante entre os cristãos no século vinte é o pré-milenismo. O pré-milenismo é a visão de que após Sua segunda vida, Jesus Cristo irá governar a terra por 1000 anos. Assim, a segunda vinda é anterior ao milênio (pré-milenista). Os pré-milenistas ensinam que na segunda vinda de Cristo, os santos que estiverem vivos serão arrebatados ao passo que os santos mortos serão levantados dentre os mortos. Todos esses santos receberão corpos glorificados e imortais. Eles encontrarão Cristo nos ares e retornarão com Ele a fim governar a terra por 1000 anos. Esse período de 1000 anos será de paz e justiça mundial. No final desse período, Satanás será solto de sua prisão para enganar as nações. Inúmeros exércitos se rebelarão e atacam Cristo e os santos em Jerusalém; esses exércitos serão então destruídos por fogo do céu. Após a derrota desses exércitos rebeldes, acontecerá a ressurreição e o julgamento final; então começará o estado eterno. Em resumo, essa é a essência do pré-milenismo; há muitas variações. Entre os pré-milenistas há os que defendem um arrebatamento pré-tribulacionista, medo-tribulacionista e pós-tribulacionista. Os pré-milenistas dispensacionalistas colocam o arrebatamento não na segunda vinda, mas no princípio da tribulação de sete anos.

1. O mito da interpretação literal vs. não-literal

Os pré-milenistas alegam defender uma interpretação literal da Escritura, ao passo que acusam os seus oponentes teológicos (e.g., pós-milenistas) de terem a tendência de espiritualizar as passagens proféticas. A verdade é que pré-milenistas, amilenistas e pós-milenistas - *todos eles* - crêem que a Escritura deve ser interpretada literalmente em alguns casos e simbolicamente em outros, *dependendo do contexto da passagem e da intenção do autor*. Aos seus leitores, os autores pré-milenistas dizem interpretar a Bíblia literalmente. Mas se você ler os seus livros, cenas com arcos, flechas e cavalos tornam-se futuras batalhas com tanques, helicópteros e aeronaves. A marca da besta se torna um chip de computador ou um

código de barra. Os gafanhotos do abismo (Ap 9) supostamente se tornam ataques de helicópteros, e assim por diante. Há algum autor ou comentarista pré-milenista que creia que a besta do mar com sete cabeças e dez chifres (Ap 13) é uma criatura literal? O ponto é: pré-milenistas, amilenistas e pós-milenistas - todos eles - interpretam algumas passagens simbolicamente e outras literalmente. A única forma de determinar a melhor interpretação é usar sólidos princípios bíblicos de interpretação ao examinar as passagens em questão. Isso significa que o contexto, a audiência, a intenção do autor, o tempo da escrita, e assim por diante, devem ser considerados. Além do mais, a Escritura não pode contradizer a Escritura; portanto, quando duas passagens parecem estar em conflito entre si, a mais clara deve ser usada para interpretar a menos clara. Esse princípio é muito importante, pois há muitas passagens claras no Novo Testamento que ensinam algo sobre a segunda vinda de Cristo.

O pré-milenismo é baseado numa interpretação literal de Apocalipse 20. A maioria dos pré-milenistas desconhece uma interpretação pós-milenista. Muitos pré-milenistas são informados que os fundamentalistas são pré-milenistas, enquanto os teólogos liberais são pós-milenistas. A maioria dos pré-milenistas não sabe que a visão dominante entre os protestantes, da Reforma até o final de 1800, era de fato, pós-milenista. O pré-milenismo constitui-se na perspectiva dominante após a publicação, em 1909, da *Bíblia de Referência Scofield*. Os pré-milenistas são de forma generalizada desconhecedores da abundância dos sérios problemas teológicos e exegéticos que acompanham a sua interpretação.

2. O dia do Senhor

A posição pré-milenista diz que Cristo vai retornar e que os santos serão ressuscitados; após 1000 anos de um governo terreno irá ocorrer o juízo final e os ímpios serão julgados. Note que os pré-milenistas crêem que há um intervalo de 1000 anos entre a segunda vinda de Cristo e o juízo final. A ressurreição dos santos e a ressurreição dos ímpios são também separadas por 1000 anos. A Bíblia ensina que há um intervalo de 1000 anos entre a segunda vinda de Cristo e o juízo final? Ensina que há um intervalo de 1000 anos entre a ressurreição dos retos e dos ímpios? Realmente *não* há intervalo entre esses eventos. Na verdade, como será demonstrado,

a Bíblia ensina que esses eventos vão tomar lugar *no mesmo dia*. Assim, o pré-milenismo é teológica e bíblicamente impossível.

Os evangelhos e as epístolas expõem uma ilustração unificada da segunda vinda e do juízo protagonizados por Jesus Cristo. A segunda vinda de Cristo, o arrebatamento, a ressurreição dos retos e dos ímpios e o juízo dos mesmos devem todos ocorrer no *mesmo dia*. O apóstolo Paulo prega que quando Cristo retornar, irá trazer vingança sobre o ímpio. O ímpio será alvo da destruição eterna, mas Cristo irá morar com os santos. Todos os que crêem vão admirar e glorificar a Cristo. Quando isso vai ocorrer? “No dia” (singular) “quando o Senhor Jesus for revelado lá dos céus, com os seus anjos poderosos, em meio a chamas flamejantes sobre aqueles que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo. Eles sofrerão a pena da destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder, *no dia* em que ele vier para ser glorificado em seus santos e admirado em todos os que creram” (2Ts 1.7-10).¹ Há um intervalo de 1000 anos entre a destruição dos ímpios e a glorificação dos santos? Não, ambos ocorrem no *mesmo dia*. Cristo esmagará os ímpios do Seu trono em Jerusalém? Não, Ele é revelado dos céus. No dia final Cristo vem do céu para julgar *todos* os homens, retos e ímpios. “A recompensa dos retos e a punição dos ímpios são eventos inter-relacionados no tempo, ocorrendo, ambos, imediatamente com a vinda do Senhor. Certamente essa passagem deve tornar perfeitamente claro que não há arrebatamento secreto seguido de um intervalo de sete anos por uma revelação visível do Senhor e da Sua glória no mundo. Certamente é também perfeitamente claro que desde que a vinda do Senhor traz sobre o ímpio ‘destruição eterna à parte da presença do Senhor’, não há ímpios sobreviventes com a Sua vinda para serem governados num milênio por vir. Mas precisam existir ímpios sobrevivendo, segundo a perspectiva pré-milenista.”²

Ensina o apóstolo Paulo que Cristo irá voltar a terra e então estabelecer um reinado de 1000 anos, seguindo-se então um julgamento final? Não, não ensina. Paulo prega que a segunda vinda de Cristo e a glorificação dos santos vão ocorrer *imediatamente* antes do estado final. Paulo *não* prega a existência de um intervalo de 1000 anos entre a segunda vinda e o término da história do

¹ Todas as citações seguem a NVI.

² William J. Grier, *The Momentous Event*, p. 55, citado em Loraine Boettner, *The Millennium* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1957), pp. 166-67.

homem na terra: “Mas cada um por sua vez: Cristo, o primeiro; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem. *Então virá o fim*, quando Ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte... Irmãos, eu lhes declaro que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem o que é perecível pode herdar o imperecível. Eis que eu lhes digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da *última* trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se revista de imortalidade... então se cumprirá a palavra que está escrita: ‘A morte foi destruída pela vitória’” (1Co 15.23-25, 50-54). Cristo retorna, os santos recebem corpos glorificados, imortais: “então virá o fim”. Não há um reino terreno de 1000 anos, pois quando Cristo retorna, entrega o reino ao Pai. Além disso, após o retorno de Cristo a morte é completamente destruída e abolida. Como pode haver convertidos no milênio que vivem, têm filhos e morrem, se a morte é abolida com a segunda vinda? “O propósito pleno da última porção desse capítulo é mostrar que após a ressurreição os corpos dos crentes serão como o corpo glorioso do Filho de Deus, preparados para uma realidade celestial e não, terrena.”³

O apóstolo Paulo prega que tanto retos quanto ímpios serão julgados no *mesmo* dia: “Contudo, por causa da sua teimosia e do seu coração obstinado, você está acumulando ira contra si mesmo, para o dia da ira de Deus, quando se revelará o seu justo julgamento. Deus ‘retribuirá a cada um conforme o seu procedimento’: Ele dará vida eterna aos que, persistindo em fazer o bem, buscam glória, honra e imortalidade. Mas haverá ira e indignação para os que são egoístas, que rejeitam a verdade e seguem a injustiça” (Rm 2.5-8). O apóstolo inspirado não faz qualquer menção a um intervalo de 1000 anos entre o julgamento dos retos e o dos ímpios. A segunda vinda de Cristo é sempre associada na Bíblia com o julgamento final de *todos* os homens. Isso vai ocorrer “*no dia* em que Deus julgar os segredos dos homens, mediante Jesus Cristo, conforme o declara o meu evangelho” (Rm 2.16).

³ Charles Hodge, *A Commentary on I & II Corinthians* (Carlisle, PA: Banner of Truth, 1978 [1857]), pp. 329-30.

O apóstolo Paulo sempre ensina em suas epístolas que a segunda vinda de Cristo, a ressurreição dos retos e dos ímpios, a recompensa aos retos e a condenação dos ímpios ocorrem no *mesmo dia* – o dia do Senhor. Ele diz, “Irmãos, quanto aos tempos e épocas, não precisamos escrever-lhes, pois vocês mesmos sabem perfeitamente que o dia do Senhor virá como ladrão à noite. Quando disserem: ‘Paz e segurança!’, a destruição virá sobre eles de repente, como as dores de parto à mulher grávida; e de modo nenhum escaparão. Mas vocês, irmãos, não estão nas trevas, para que esse dia os surpreenda como ladrão... Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para recebermos a salvação por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele morreu por nós para que, quer estejamos acordados quer dormindo, vivamos unidos a Ele” (1Ts 5.1-4, 9-10). “Paulo relaciona a segunda vinda com a ressurreição e a subsequente glória dos santos e a repentina destruição dos ímpios. Sem sombra de dúvida, *esse dia* tem referência a dois aspectos: - os crentes devem ficar atentos (1Ts 5.4-10), pois *então* receberão salvação em sua plenitude (v. 9), *então* ‘viverão unidos a ele’ (v. 10); ao passo que o *mesmo dia* trará ao fim a falsa segurança dos descrentes, em sua ‘destruição repentina”⁴ Paulo *não* diz aos tessalonicenses que um arrebatamento secreto vai tomar lugar sete anos antes da segunda vinda. O arrebatamento ocorre no *mesmo dia* em que os ímpios são julgados.⁵ Se os ímpios sofrem ‘repentina destruição’ e os santos são glorificados, ninguém resta para que povoe a terra ao longo do reinado de 1000 anos pré-milenista. Após os cristãos receberem os seus corpos celestiais glorificados, não casarão nem terão filhos. Quem, então, estará aqui para rebelar-se contra Cristo no término do reinado terreno de 1000 anos? Os santos glorificados certamente não podem se rebelar, e os descrentes estão todos sofrendo tormentos no lago de fogo.

O apóstolo Pedro concorda plenamente com o ensino de Paulo sobre a segunda vinda de Cristo. Em sua segunda epístola [Pedro] trata com os zombadores que negam a segunda vinda de Cristo: “O

⁴ Grier, p. 54, citado por Boettner, p. 167.

⁵ “Certamente que Paulo não teria escrito essas palavras se tivesse em mente um arrebatamento secreto. Não há nada aqui dizendo que os cristãos serão arrebatados sete anos antes do dia do julgamento. Antes, receberão libertação da tribulação e do sofrimento ‘com a *revelação* do Senhor Jesus Cristo com anjos, no céu, no Seu poder em chamas flamejantes, trazendo vingança àqueles que não conhecem a Deus e não seguem o evangelho” (Boettner, pp. 167-68). Se os cristãos devem ser arrebatados secretamente sete anos antes da segunda vinda de Cristo, então por que as Escrituras repetidamente dizem que os cristãos devem aguardar na terra até a revelação de Cristo? A ressurreição dos justos e dos ímpios e o julgamento final ocorrem no *mesmo dia* (o dia do Senhor, Mt 13.47-50; 25.31-34, 41, 46; Jo 5.28-29; 6.3-40, 44, 54; Rm 2.5-8, 16; 1Tm 5.1-4, 9-10, etc.).

que houve com a promessa da *sua vinda*? Desde que os antepassados morreram, tudo continua como desde o princípio da criação’... Pela mesma palavra os céus e a terra que agora existem estão reservados para o fogo, guardados para o *dia do juízo* e para a destruição dos ímpios... O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada. Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa, esperando o *dia de Deus* e apressando a sua vinda. Naquele dia os céus serão desfeitos pelo fogo, e os elementos se derreterão pelo calor” (2Pe 3.4, 7, 10-12). Pedro ensina que a segunda vinda, o dia do julgamento e o início do estado final ocorrem contemporaneamente. Assim como Paulo, Pedro diz que esses eventos ocorrem no “dia do Senhor”. De acordo com o pré-milenismo Cristo *não* vem no dia do julgamento, pois Ele já está na terra governando de Jerusalém. Mas Pedro diz que quando Cristo retorna, ocorre o julgamento e então os céus e a terra são destruídos. O pré-milenista crê que Cristo vai retornar e governar a terra por 1000 anos *antes* da destruição dos elementos. Assim, a consideração de Pedro a respeito da vinda de Cristo contradiz totalmente a doutrina pré-milenista.

Os pré-milenistas ensinam que há um intervalo de 1000 anos entre a ressurreição dos retos e a ressurreição dos ímpios. Ensinam que a ressurreição corporal dos ímpios ocorre ao término do milênio. Mas as parábolas de Jesus Cristo contradizem totalmente a doutrina pré-milenista.⁶ Na parábola do joio e do trigo Jesus disse que *ambos* crescerão juntos até a colheita: “Deixem que cresçam juntos até a colheita. Então direi aos encarregados da colheita: Juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro” (Mt 13.30). A colheita obviamente se refere ao julgamento final. “Finalmente a separação será tal que todos os ímpios serão lançados ao fogo eterno, e os piedosos elevados ao céu”.⁷

⁶ Quando Jesus explicou essa parábola aos Seus discípulos, em Mt 13.36-43, indicou a ocasião em que a colheita tomaria lugar. Ele disse que a colheita é o *fim* dos tempos, e que os ceifeiros são anjos. A fim de impedir qualquer idéia acerca de uma colheita parcial antes da colheita total, foi usado o termo grego *sunteleia* (v. 39). “O termo ‘fim’ é traduzido do grego ‘*sunteleia*,’ significando *plenitude*. De acordo com o *Young’s Analytical Concordance*, ‘*sunteleia*’ é usado apenas seis vezes no Novo Testamento. Sempre designa o Dia do Julgamento, isto é, o fim do mundo... O uso do termo grego ‘*sunteleia*’ em cada um desses versículos absolutamente descarta a possibilidade dos santos serem retirados do mundo antes da plenitude dos tempos” (Boettner, pp. 168-69).

⁷ David Dickson, *A Brief Exposition of the Evangel of Jesus Christ According to Matthew* (Edinburgh: Banner of Truth, 1981 [1647], p. 189). Jesus ensinou a mesma coisa na parábola da

Em Mateus 25 Jesus instruiu seus discípulos acerca da segunda vinda: “Quando o Filho do homem *vier* em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo’... Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos’... E estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna” (Mt 25.31-34, 41, 46). Cristo descreveu um julgamento geral de *todos* os homens, não apenas dos ímpios. Ele colocou o julgamento final *imediatamente* após o Seu retorno, *não* 1000 anos após o Seu retorno. “A média dos cristãos pensa que Mt 25.31-46 é uma figura do Julgamento Final. E eles estão certos. O pré-milenista precisa explicar essa passagem à parte, pois ela não se ajusta à sua visão profética. Em sua interpretação, precisa renunciar à interpretação ‘literal’ da qual tanto fala. Ele precisa dizer que ‘todas as nações’ não são ‘todas as nações’, que as nações que estão aí existem apenas ‘representativamente’. Não há nada na passagem que indique isso. É uma clara figura do Julgamento Último e Universal.”⁸

Jesus ensinou claramente que haverá uma ressurreição geral na qual *todos os homens* serão elevados no *mesmo* dia. Ele não disse que alguns serão elevados e que o resto será elevado só após 1000 anos (ou, segundo os dispensacionalistas, 1007 anos): “Não fiquem admirados com isto, pois está chegando a hora em que *todos* os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão – os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados” (Jo 5.28-29). A idéia que a ressurreição dos retos deve ocorrer 1000 anos (ou 1007 anos) antes do fim do mundo é desmentida por Jesus mais quatro vezes no capítulo 6 de João: “E esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum dos que ele me deu, mas os ressuscite *no último dia*.

rede: “O Reino dos céus é ainda como uma rede que é lançada ao mar e apanha toda sorte de peixes. Quando está cheia, os pescadores a puxam para a praia. Então se assentam e juntam os peixes bons em cestos, mas jogam fora os ruins. Assim acontecerá *no fim desta era*. Os anjos virão, separarão os perversos dos justos e lançarão aqueles na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes” (Mt 13.47-50). Seu ensino é que o julgamento de todos os homens, tanto bons quanto maus, tomará lugar no *fim* dos tempos. Os bons irão ao céu e os ímpios irão ao inferno. Eles não serão separados *antes* do julgamento final.

⁸ J. Marcellus Kik, *Matthew Twenty Four*, p. 94, citado em William E. Cox, *Biblical Studies in Final Things* (Philipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1966), p. 151.

Porque a vontade de meu Pai é que todo aquele que olhar para o Filho e nele crer tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei *no último dia*” (Jo 6.39-40; cf. 44, 54). O último dia é o dia do julgamento. “Claramente não pode haver outros dias após o último dia”.⁹

⁹ Boettner, p. 169. “A resposta dispensacionalista a essas objeções é argumentar que haverá um arrebatamento secreto antes da tribulação de sete anos. Todos os cristãos serão removidos da terra nessa ocasião. Mas ao longo da tribulação de sete anos haverá na terra uma conversão maciça de judeus. Esses santos pós-arrebatamento terão filhos e assim irão originar novos crentes não-glorificados para uma ressurreição e julgamento gerais no fim do milênio. O problema com essa visão é que a Bíblia *não* ensina a ocorrência de um arrebatamento secreto sete anos *antes* da segunda vinda de Cristo. Em 2 Tessalonicenses 1.5-10, Paulo diz que o *mesmo* dia em que Cristo vier para ser glorificado pelos Seus santos é precisamente o mesmo dia em que Ele retorna ‘em chamas flamejantes’ para julgar os ímpios. Em 2 Tessalonicenses 1.5-10, Paulo conforta os santos da igreja de Tessalônica com a esperança abençoada do alívio que terão juntamente com ele, na ocasião do retorno de Cristo em chamas flamejantes a fim de punir aqueles que traziam tribulação à igreja. No entanto, de acordo com as suposições dispensacionalistas, essa passagem não pode estar se referindo à bendita esperança dos cristãos. No pensamento dispensacionalista não há vínculo entre o julgamento punitivo e o retorno de Cristo à Sua igreja, que é o que constitui o arrebatamento secreto.” (Curtis Crenshaw e Grover E. Gunn, III, *Dispensationalism: Today, Yesterday, and Tomorrow* [Memphis, TN: Footstool, 1985], p. 422). Os dispensacionalistas alegam que “a bendita esperança” na Escritura refere-se ao arrebatamento secreto. No entanto, Paulo coloca a sentença “bendita esperança” em associação com a “gloriosa manifestação” de Cristo, em Tt 2.13. No entender de Paulo o arrebatamento e a visível e notória segunda vinda de Cristo são concomitantes; *não* são separados por sete anos. Além disso, 1Ts 4.16 explicitamente ensina que o arrebatamento é um evento *notório*, não secreto: “Pois, dada a ordem, com a *voz* do arcanjo e o *ressoar* da trombeta de Deus, o próprio Senhor descenderá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.” Se o arrebatamento fosse ocorrer sete anos antes da segunda vinda de Cristo, então qualquer poderia calcular o ano, mês e dia da Sua segunda vinda. Mas Jesus disse que “quanto ao dia e à hora” da Sua vinda, ninguém sabe (Mc 13.32). Não há sequer um traço de evidência na Bíblia acerca de um arrebatamento secreto sete anos antes da segunda vinda visível de Cristo. A teoria do arrebatamento secreto não pode ser encontrada na igreja antes de 1830. A Bíblia ensina que o arrebatamento, o julgamento geral e a segunda vinda, todos ocorrerão no *mesmo* dia: “o dia do Senhor”. Após um cuidadoso estudo de todas as citações, palavras e versículos relacionados ao arrebatamento e à segunda vinda, Oswald T. Allis escreveu: “A questão que se defronta é essa. Se a distinção entre o arrebatamento e o aparecimento é tal qual um grande momento como alegam os dispensacionalistas, como podemos justificar o lapso de Paulo em não fazer distinção clara entre eles? E o lapso dos outros escritores, Pedro, Tiago e João, por fazerem o mesmo? Paulo era um lógico. Ele era capacitado para fazer distinções nítidas. Se tivesse procurado, ou considerado importante, distinguir esses eventos entre si, teria feito isso mui facilmente. Por que então ele usou uma linguagem que os dispensacionalistas devem admitir ser confusa? Feinberg [um notável acadêmico dispensacionalista] fez a surpreendente declaração relativa às três palavras que temos em foco: ‘Concluimos, então, que a partir de um estudo dos termos gregos em si, a distinção entre a vinda do Senhor para os santos e com os santo não deve ser acatada’ (*Premillennialism or Amillennialism?* p. 207). Tal reconhecimento levanta a questão se a distinção em si é válida. Se a distinção é relevante, a linguagem ambígua de Paulo é, devemos dizer com reverência, injustificável. Se a distinção é irrelevante, a precisão da declaração seria totalmente desnecessária. Concluimos, portanto, que a terminologia do Novo Testamento e especialmente a de Paulo não apenas deixa de provar a insistente distinção alegada pelos dispensacionalistas mas também, por conta da sua ambigüidade, aponta clara e inequivocamente que uma tal distinção não existe” (*Prophecy and the Church* [Philipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1974], pp. 184-85).

3. A falácia cronológica

A posição pré-milenista relativa a Apocalipse 19 e 20 diz que o capítulo 19 descreve a segunda vinda de Cristo, ao passo que o capítulo 20 descreve o reino de Cristo na terra. Realmente, a leitura casual desses dois capítulos parece tornar plausível a posição pré-milenista. Mas fazendo-se uma análise *cuidadosa* dos dois capítulos ficará claro que a posição pré-milenista simplesmente não procede. A abordagem pré-milenista, “literalista”, desses capítulos é auto-contraditória e envolve dificuldades interpretativas intransponíveis.

A posição pré-milenista diz que os eventos do capítulo 20 seguem cronologicamente os eventos do capítulo 19. Na segunda metade do capítulo 19 Cristo retorna e julga as nações, então no capítulo 20 Ele reina sobre as nações. Mas se o capítulo 19 é tomado literalmente, *não há nações para serem governadas por Cristo no capítulo 20*. “De sua boca sai uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. ‘Ele as governará com cetro de ferro.’ Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso... Vi um anjo que estava em pé no sol e que clamava em alta voz a todas as aves que voavam pelo meio do céu: ‘Venham, reúnam-se para o grande banquete de Deus, para comerem carne de reis, generais e poderosos, carne de cavalos e seus cavaleiros, carne de *todos* – livres e escravos, pequenos e grandes.’... *Os demais foram mortos* com a espada que saía da boca daquele que está montado no cavalo. E todas as aves se fartaram com a carne deles.” (Ap 19.15-21). Os pré-milenistas dizem que isso obviamente se refere a uma batalha literal. Há corpos de mortos no campo de batalha, e as aves está se fartando com a sua carne. Mas se o capítulo 19 é interpretado literalmente, o capítulo 20 não faz qualquer sentido. O versículo 3 diz que Satanás é lançado no abismo, “para assim impedi-lo de enganar as *nações*”. Como Satanás pode enganar as nações no capítulo 20 se elas foram justamente eliminadas por Cristo no final do capítulo 19? O relato da destruição por Cristo daqueles que se opuseram a Ele no capítulo 19 é total: o versículo 19 diz que as aves se fartarão da carne de *todas* as pessoas, o versículo 21 diz que *os demais* foram mortos. A passagem enfatiza que Cristo destruirá *todos* os Seus opositores. Quando a guerra termina ninguém é preservado; não há focos de resistência. Se Cristo eliminou todas as nações e todos os ímpios estão mortos, como Ele pode então governar as nações no capítulo 20? Esse capítulo admite que todas as nações ainda existem e que Cristo as governa. Se as nações são completamente destruídas no

capítulo 19 e no capítulo 20 ainda estão intactas, então claramente o entendimento pré-milenista desses capítulos é equivocado.

O entendimento pré-milenista, literalista, da batalha final no fim do milênio tem também sérios problemas. Apocalipse 20.8 fala dos vastos exércitos de Gogue e Magogue. Todas as nações do mundo reunir-se-ão no Oriente Médio para uma batalha literal contra Cristo e os santos constituídos em Jerusalém. Os pré-milenistas pregam que se trata de uma batalha real com armas, tanques, aviões, helicópteros e assim por diante. Mas essa interpretação é absurda. O Cristo ressuscitado com o Seu corpo espiritual glorificado e os santos imortais glorificados não podem ser ameaçados por armas físicas. Cristo e os santos não podem ser mortos; eles já são imortais! Eles não podem nem mesmo ser *machucados* por tais armas. Após a Sua ressurreição, Cristo pôde passar por paredes sólidas (Jo 20.19). Projéteis, bombas, lançachamas etc, não podem ameaçar Cristo e os santos. Todas as armas do mundo não podem ferir ou ser uma ameaça mesmo a um só crente glorificado ressurreto, sem falar do Cristo ressurreto, todopoderoso. A idéia de que Jesus Cristo (que é Deus, possuindo todo o poder e autoridade no céu e na terra) poderia ser intimidado por tanques e armas terrenos é patética.

4. Governo terreno ou celeste?

A Bíblia ensina que Cristo governará de uma Jerusalém terrena na Palestina? O reino de Cristo é adiado até a segunda vinda? Jesus disse “O meu Reino não é deste mundo” (Jo 18.36). O reino de Cristo não procede de uma Jerusalém terrena, mas celeste. Ela não inicia na segunda vinda, mas iniciou na Sua ressurreição. “Então, Jesus aproximou-se deles e disse: ‘Foi me dada toda a autoridade nos céus e na terra’” (Mt 28.18). Paulo disse que Cristo “foi declarado [ou apontado] Filho de Deus com poder, pela sua ressurreição dentre os mortos” (Rm 1.4). Pedro disse que Cristo foi entronizado como rei no céu imediatamente após a ressurreição: “O SENHOR disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos como estrado para os teus pés” (At 2.34-35). Daniel profetizou que nos dias do quarto império (o império Romano) Deus estabelecerá “um reino que jamais será destruído” (Dn 2.44).

Jesus pregou que o reino de Deus estava próximo (Mt 3.2; Mc 1.15; Lc 4.43). Ele não deu indicação de um reinado terreno ao menos

2000 anos à frente, no futuro, mas uma declaração de um reino espiritual que iniciaria após a Sua ressurreição. Se Cristo tivesse em mente um reino terreno, por que rejeitou enfaticamente o reinado oferecido pelos judeus? “Sabendo Jesus que pretendiam proclamá-lo rei à força, retirou-se novamente sozinho para o monte” (Jo 6.15). “Desde o início Jesus não apenas não encorajou, mas definitivamente se opôs à expectativa dos judeus de que um reino judaico terreno de glória, tal como Davi estabeleceu séculos antes, seria estabelecido.”¹⁰ A Bíblia não ensina que devemos esperar e ansiar por um tempo quando Cristo governará de uma Jerusalém terrena; antes, afirma que Cristo já é rei e que já governa do céu: “Esse poder ele [Deus] exerceu em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita, nas regiões celestiais, muito acima de todo governo e autoridade, poder e domínio, e de todo nome que se possa mencionar, não apenas nesta era, mas também na que há de vir” (Ef 1.20-21). “Reis colocados a Sua direita, aqueles que Ele designou para O honrarem ou se associarem com o propósito do domínio.”¹¹ Jesus Cristo, o Redentor exaltado, tem domínio universal. O que Ele realizou definitivamente pela Sua morte e ressurreição é agora progressivamente realizado por toda a terra.

Se alguém interpreta Apocalipse 20.9 literalmente (com Cristo governando de uma Jerusalém terrena), então optou por uma interpretação que contradiz o restante do Novo Testamento. Paulo escreveu, “A nossa cidadania, porém, está nos céus” (Fp 3.20). Os cristãos pertencem a Jerusalém que é de cima. A Jerusalém terrena corresponde a Hagar, e está em escravidão (Gl 4.26). Os cristãos são exortados a irem além, fora da Jerusalém terrena, “Pois não temos aqui nenhuma cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” (Hb 13.14). Devem os santos aguardar com interesse Cristo instituir uma Jerusalém terrena? De forma alguma! “Em vez disso, esperavam eles uma pátria melhor, isto é, a pátria celestial. Por essa razão Deus não se envergonha de ser chamado o Deus deles, e lhes preparou uma cidade” (Hb 11.16).

A que, então quer se referir o grupo de santos e a cidade amada em Apocalipse 20.9? “O grupo de santos e a cidade amada, portanto, certamente representa a igreja e o povo de Deus. Eles representam toda a igreja, em todo o mundo e mesmo no céu.”¹² João diz que a

¹⁰ Allis, p. 71.

¹¹ Charles Hodge, *A Commentary on Ephesians* (Carlisle: PA: Banner of Truth, 1964 [1856]) p. 48.

¹² Herman Hoeksema, *Behold He Cometh* (Grand Rapids: Reformed Free, 1986 [1969]), p. 654.

nova Jerusalém é a noiva adornada de Cristo (Ap 21.2); essa é uma referência óbvia à igreja. Ele também se refere à nova Jerusalém como a esposa do Cordeiro (Ap 21.9-10). Antes da segunda vinda, a esposa do Cordeiro (a noiva adornada, a nova Jerusalém) existe no céu e na terra. Assim João está descrevendo numa linguagem apocalíptica o ataque final das forças de Satanás contra a igreja. “As nações de Gogue e Magogue, cercando e dirigindo-se à batalha contra a cristandade no sentido mais amplo certamente intentam destruir ‘a cidade amada’, a causa de Cristo, e tornar o paganismo supremo no mundo. Nisso se deleitam em sua perversidade e tornam-se propícios para o julgamento.”¹³

O pré-milenista vai contestar essa interpretação como sendo não-litera e, portanto, defeituosa. Mas os pré-milenistas na verdade assumem de forma literal muito pouco do capítulo 20, espiritualizam livremente quando isso convém ao seu propósito. Alguém realmente acredita que os exércitos no futuro estarão cavalgando e usando armas de madeira? Existirão no futuro dois países nomeados Gogue e Magogue? É claro que não! “Um axioma no estudo da Bíblia é que a maior parte da mesma exigem interpretação literal a menos que o contexto ou outra passagem escriturística conhecida exige uma interpretação figurada ou espiritual. Na literatura apocalíptica o exato oposto é verdadeiro: aqui se deve interpretar figurativamente a menos que a interpretação literal seja imprescindível... Os escritos apocalípticos são conhecidos por terem características definidas, tais como linguagem figurada, fantasias, numerologia, hipérbole e assim por diante. Elas são usadas para um propósito – ensinar lições espirituais ao povo de Deus. Essas características são usadas de forma muito parecida com um produtor usando requisitos teatrais e cenários. O aspecto importante na visualização de um drama não é o requisito teatral mas a mensagem que ajuda a retratar.”¹⁴ No contexto do livro de Apocalipse, que é repleto de simbolismo, deve-se definir as figuras não a partir do jornal matutino ou da CNN mas analisando as porções mais claras da Escritura onde muitas das figuras de João são claramente definidas. A *Escritura* deve ser usada para interpretar a Escritura. As passagens claras devem ser usadas para interpretar as obscuras. Os pré-milenistas fazem justamente o oposto. Sua interpretação de Apocalipse 20 tornou-se uma camisa de força dentro da qual todas as passagens claras da Escritura precisam ser ajustadas. Assim, ao invés do ensino

¹³ Ibid. p. 655.

¹⁴ Cox, p. 159.

escriturístico simples relativo à segunda vinda de Cristo para julgar o mundo, no pré-milenismo ocorrem vindas separadas, julgamentos separados, santos glorificados morando entre homens pecaminosos e assim por diante. Embora o pré-milenismo seja popular e suas teorias envolvendo a Rússia, o Oriente Médio e o anticristo possam ser excitantes, seus ensinamentos, infelizmente, têm pouco a ver com a Escritura.

5. O retorno em chamas flamejantes

Se a Bíblia ensina que Cristo *não* está na terra quando desce fogo do céu para destruir o ímpio no fim do milênio, mas *retorna* do céu em chamas flamejantes, então o pré-milenismo não pode ser verdadeiro. Por quê? Porque Apocalipse 20.9 relata o *fim* do milênio e não o seu início. “As nações marcharam por toda a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos, a cidade amada; mas um fogo desceu do céu e as devorou.” De acordo com o ensino pré-milenista popular, Jesus e os santos são retidos atrás dos muros de Jerusalém, cercados por um vasto exército. Deus o Pai então salva Jesus e os santos destruindo os incomensuráveis exércitos de Gogue e Magogue (A idéia de que o Cristo ressurreto e os santos glorificados precisam ser salvos de um ataque por armas e tanques é absurda, como visto acima.) Há outros versículos na Bíblia que auxiliam o entendimento dessa passagem? Sim, há vários. Escute como o profeta Isaías descreve a segunda vinda de Cristo: “Vejam! O Senhor *virá* num fogo, e os seus carros são como um turbilhão! Transformará em fúria a sua ira, e em labaredas de fogo, a sua repreensão. Pois com fogo e com a espada o Senhor executará julgamento sobre todos os homens” (Is 66.15-16). Paulo diz que o retorno de Cristo será “em chamas flamejantes tomando vingança sobre aqueles que não conhecem Deus” (2Tm 1.8). Pedro diz “o dia do Senhor virá como ladrão, os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada [será queimada]” (2Pe 3.10). Paulo alerta os cristãos de que na ocasião do retorno de Cristo, suas obras serão testadas pelo fogo: “sua obra será mostrada, porque o Dia a trará à luz; pois será revelada pelo fogo, que provará a qualidade da obra de cada um. Se o que alguém construiu permanecer, esse receberá recompensa. Se o que alguém construiu se queimar, esse sofrerá prejuízo; contudo, será salvo como alguém que escapa através do fogo” (1Co 3.13-15). Onde está Cristo quando

fogo descer do céu no julgamento do ímpio? Na terra, em Jerusalém, como alegam os pré-milenistas? Não, Cristo não pode estar em Jerusalém, pois *retorna* em chamas flamejantes.¹⁵ Assim, com base no abundante testemunho bíblico, Apocalipse 20.9 se refere à segunda vinda de Cristo. Por que isso é significativo? Porque isso significa que Cristo retorna no *fim* do milênio; a vinda de Cristo é *pós*-milenista. Ele não é *auxiliado* por chamas flamejantes; Ele *retorna* em chamas flame-jantes. Se é permitido que as passagens claras da Bíblia interpretem as obscuras, a Bíblia ensina um retorno de Cristo pós-milenista.

¹⁵ O apologista cristão Greg Bahnsen lembrou que os pré-milenistas afirmam que Jesus Cristo é submetido a uma segunda humilhação no fim do milênio. A idéia de Cristo e os santos sendo pressionados, pelos exércitos de Gogue e Magogue, a se refugiarem por detrás dos muros de Jerusalém representa nada menos que uma segunda humilhação imposta sobre Jesus Cristo. A Bíblia ensina que Cristo sofreu humilhação uma única vez. Ele veio à terra para sofrer e morrer por Seu povo uma única vez. Nasceu numa manjedoura. Viveu entre pecadores. Esteve sujeito às tentações e assaltos de Satanás e ao ódio do Seu próprio povo. Foi rejeitado pelos Seus discípulos. Foi preso, torturado e executado como um criminoso comum e colocado numa sepultura. Sua vida na terra e na ocasião da primeira vinda é traduzida como a Sua humilhação. Mas uma vez que Cristo levantou dos mortos, entrou em Sua exaltação. Ele é o rei exaltado e glorificado a quem foi dada “toda a autoridade nos céus e na terra” (Mt 28.18); quem governa do céu (Ef 1.20); cujo “nome está acima de todo nome” (Fp 2.9-11). Pode Cristo, que tem “todo o poder” ser submetido a uma segunda humilhação? Não, tal idéia claramente contradiz o ensino do Novo Testamento sobre a Sua exaltação. O pré-milenismo não apenas é exegética, mas é também teologicamente impossível. (O autor reconhece a sua dívida com os compreensivos ensaios escatológicos de Greg Bahnsen.)



A Opção Pós-Milenista

Até aqui tem sido demonstrado que o entendimento pré-milenista do milênio não pode ser verdadeiro, pois contradiz o ensino claro dos evangelhos e das epístolas quanto a segunda vinda de Cristo, a natureza do reino, o julgamento final e assim por diante. Não é suficiente meramente refutar uma interpretação da Bíblia; devemos também oferecer uma alternativa bíblica. Uma alternativa bíblica pode apenas ser obtida permitindo que a Escritura interprete a Escritura. Apocalipse 20 pode apenas ser entendido se fizer uso das porções didáticas e históricas mais claras ao entendimento da linguagem simbólica de João. Tal processo mostrará que os eventos descritos em Apocalipse 20.1-10 são descritivos do que toma lugar *entre a ressurreição de Cristo e a Sua segunda vinda*.

1. O aprisionamento de Satanás

“Vi descer dos céus um anjo que trazia na mão a chave do Abismo e uma grande corrente. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos; lançou-o no Abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações, até que terminassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo” (Ap 20.1-3).

Nesses versículos João descreve o aprisionamento de Satanás. Uma vez que Satanás é um ser espiritual, a chave e a corrente são obviamente simbolismos representando uma restrição de poder que foi imposta sobre ele.¹⁶ O propósito do aprisionamento de Satanás é de “impedi-lo de enganar as nações”. A Bíblia diz quando isso

¹⁶ Quando Cristo deu a Pedro as chaves do Reino dos Céus (Mt 16.19), não deu a ele um molho de chaves; Ele estava falando figurativamente do poder do evangelho. Quando é dito em Ap 1.18 que Cristo tem “as chaves da morte e do Hades”, significa que Cristo tem *poder* sobre a morte e o Hades. Ele não é um “cordeiro” literal. Satanás não é um “dragão” literal. A “chave” e a “corrente” não são literais. “Eles expõem a soberania real e o poder dominador do nosso Senhor Jesus Cristo. As expressões figuradas nos ajudam a entender e a retratar na mente as realidades espirituais” (J. Marcellus Kik, *An Eschatology of Victory* [Philipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1971], p. 192).

ocorreu? Sim, a Bíblia ensina que Satanás foi derrotado e amarrado no contexto da *primeira* vinda de Cristo.

Em Mateus 12.28-29 Jesus especificamente fala aos fariseus que o Seu controle sobre os demônios prova que Ele amarrou Satanás e que agora está saqueando seus bens: “Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus; Ou, como alguém pode entrar na casa do homem forte e levar dali seus bens, sem antes amarra-lo? Só então poderá roubar a casa dele.” O aprisionamento que Jesus faz de Satanás não ocorre na segunda vinda, mas na Sua primeira vinda; esse aprisionamento prova que o Seu reino é uma realidade presente, não algo distante no futuro.

Quando Jesus instruiu os seus discípulos sobre a proximidade da Sua crucificação, disse “Chegou a hora de ser julgado este mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12.31-32). Em Apocalipse 20 Satanás é amarrado para que não mais engane as nações. No evangelho de João Jesus diz a mesma coisa em termos diferentes: Satanás é lançado no Abismo e Jesus atrairá todas as pessoas para si. O aprisionamento de Satanás por Cristo permite a Ele saquear a sua casa. A morte e a ressurreição vitoriosas de Cristo permitiram-lhe conquistar (espiritualmente) todas as nações. “Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo” (1Jo 3.8). Quando os doze apóstolos retornaram de uma missão evangelística pela qual tinham autoridade para expulsar demônios, Jesus disse “Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago. Eu lhes dei autoridade para pisarem sobre cobras e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo; nada lhes fará dano” (Lc 10.18-19, cf. 9.1).

O autor de Hebreus ensinou que pela morte de Cristo “[Ele] destruiu aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo” (Hb 2.14). O verbo traduzido como destruiu (*katargein*) significa literalmente tornar inoperante, anular ou tornar inócuo. “Como encarnado, então, Cristo estava apto a morrer; e foi a sua encarnação que definiu o palco para o desenrolar desse grande drama cósmico que é o ponto central na história humana e o meio de livramento do homem do seu terrível inimigo. Na cruz, o lugar da morte, se deu o encontro decisivo entre Deus e Satanás. O Filho veio ao mundo exatamente para esse propósito, que *pela morte*, Sua morte, pudesse anular o nosso inimigo, o demônio que impunha o

poder da morte.”¹⁷ Cristo definitivamente derrotou Satanás e na cruz limitou o seu poder. “Em Ap 20, um aspecto particular desse aprisionamento está diante de nós, a saber, a limitação do poder de Satanás para enganar as nações na forma que fazia antes da vinda de Cristo. A partir daí ao longo de todo o período da dispensação entre-adventos Satanás foi derrotado de fato. Ele pode ainda agir como um leão que ruge buscando a quem devorar, mas nesse particular é um leão enjaulado.”¹⁸ O apóstolo Paulo concorda: “... tendo desalojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz” (Cl 2.15). Paulo descreve a obra redentora de Cristo como levando “cativos muitos prisioneiros” (Ef 4.8). A Bíblia diz que Satanás recebeu o seu golpe mortal com a primeira vinda de Cristo (Gn 3.15).

O aprisionamento de Satanás nos termos em que não mais pudesse enganar as nações resultou da morte de Cristo no calvário e coincide com a expansão do evangelho sobre todas as nações. “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e *na terra*. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações” (Mt 28.18-19). Cristo derrotou Satanás e o amarrou; essa limitação do seu poder para enganar as nações é o que torna a Grande Comissão possível. Antes de Cristo vir, a Palavra de Deus e a salvação eram, com raras exceções, limitadas à minúscula nação de Israel; Satanás tinha controle religioso sobre os limites vastos da terra. Após a vinda de Cristo, Satanás foi definitivamente derrotado, e continua a ser refreado à medida que o evangelho é disseminado por toda a terra. Satanás não pode mais enganar as nações impedindo que ouçam o evangelho.¹⁹

Uma objeção óbvia à interpretação discutida acima é a extensão do milênio. Se o aprisionamento de Satanás e o milênio tomam lugar entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, então como pode o milênio ser descrito como um período de 1000 anos? Cristo morreu há mais de 2000 anos atrás. Assim sendo o milênio não deveria já ter chegado ao seu fim há muito tempo atrás? Não. O número 1000

¹⁷ Philip Edgecumbe Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), p. 111.

¹⁸ Cox, p. 162.

¹⁹ David Chilton, *The Days of Vengeance, An Exposition of the Book of Revelation* (Fort Worth, TX: Dominion, 1987), p. 506. Chilton nota um segundo motivo para o aprisionamento de Satanás: “impedi-lo de incitar a escatológica “guerra que finda todas as guerras” - a batalha final – até que Deus esteja pronto. Quando a Cidade do Reino de Deus está plenamente definida, então soltará Satanás uma vez mais e permitir que engane as nações para a conflagração final. Mas o fogo cairá segundo o cronograma divino e não o do Dragão. Em cada aspecto, Deus está controlando os eventos para a Sua própria glória.”

é simbólico e denota um longo e indefinido período de tempo. Chilton esclarece como o número 1000 é usado na figuração bíblica:

Satanás permanece amarrado, diz-nos São João, por mil anos – um número extenso e arredondado. Temos visto que, assim como o número *sete* tem uma conotação de plenitude *qualitativa* na linguagem bíblica, o número *dez* traz a noção de plenitude *quantitativa*; em outras palavras, mantido *extensivamente*. Um milhar multiplica e intensifica isso (10 x 10 x 10), para expressar grandes extensões (cf. 5.11; 7.4-8; 9.16; 11.3, 13; 12.6; 14.1, 3, 20). Assim, Deus reivindica possuir “cabeças de gado sobre milhares de colinas” (Sl 50.10). É claro que isso não significa que o gado sobre a 1001^a colina ainda pertence a alguém outro. Deus possui todo o gado de todas as colinas. Mas refere-se à “milhares” para indicar que há muitas colinas e muito gado (cf. Dt 1.11; 7.9; Sl 68.17; 84.10; 90.4). Similarmente os mil anos de Apocalipse 20 representam um período de tempo vasto e indefinido... Já dura quase 2000 anos e provavelmente vai se estender por muito mais tempo. ²⁰

Além disso, tem sido demonstrado que Apocalipse 20.9 se refere à segunda vinda de Cristo. Se os mil anos devem ser tomados literalmente, então alguém poderia calcular precisamente o ano e dia exatos da segunda vinda de Cristo. Jesus disse que somente o Pai sabe qual é esse dia. (Mt 24.36).

Outra objeção é que se Satanás está amarrado, por que o mundo expõe um tal estado de confusão? Por que há tanto mal no mundo? Essa objeção é facilmente respondida pelo texto em si que *não* diz que Satanás está amarrado em referência a *todo* o tipo de atividade, mas apenas relativo ao engano das nações. Também não significa que Satanás não pode exercer o seu engano sobre indivíduos *dentro* das nações. Satanás ainda engana muitas pessoas. “Mas durante o período de aprisionamento de Satanás as nações não serão

²⁰ Ibid., p. 506-507. “Os milhares de anos podem ser entendidos como o período entre as duas vindas de Cristo, ou, mais exatamente, entre o retorno do Filho ascendido à glória, concluída a sua missão na terra, e o aprisionamento de Satanás ‘por um pouco mais de tempo’ (versículo 3 acima). Este último feito, no entanto, é o evento final desse período, e termina, como temos visto, com a derrota definitiva de Satanás e das suas hostes na ocasião da segunda vinda de Cristo. Essa é a perspectiva claramente delineada na asserção de Hebreus 10.12 s., que ‘quando este sacerdote [Cristo] acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus; daí em diante, ele está esperando até que os seus inimigos sejam colocados como estrado dos seus pés’ (cf. Sl 110.1); e isso é precisamente o que São Paulo afirma quando escreve que ‘é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés’ (1Co 15.25)” (Philip Edgcumbe Hughes, *The Book of Revelation*, [Eerdmans, Grand Rapids, MI, 1990], p. 212.)

completamente enganadas como foi no caso do Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. Nunca, até o curto espaço de tempo imediatamente anterior à segunda vinda de Cristo, as nações seriam enganadas como foram antes da Sua primeira vinda. Para esse propósito é que Satanás foi amarrado.”²¹

Aqueles que insistem que o aprisionamento de Satanás deve corresponder a uma interrupção total de *toda* a atividade satânica omitiram o estudo de Judas 6. Judas revela o que Deus fez aos anjos que se rebelaram com Satanás: “E, quanto aos anjos que não conservaram suas posições de autoridade mas abandonaram sua própria morada, ele os tem guardado em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande Dia.” Esses anjos foram descritos como presos a correntes, no entanto sabemos que houve atividade demoníaca por todo o ministério de Cristo. “Logo, estar acorrentado não implica cessação da atividade demoníaca. Todavia, Satanás, ainda que amarrado, continua o seu trabalho mau. Mas está amarrado pelo decreto de Deus. Ele não pode enganar as nações na forma que fez no período anterior à vinda de Cristo.”²² Assim, pessoas de todas as tribos, línguas e nações estão sendo salvas.

2. O Reino milenar

“Vi tronos em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a besta nem a sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos. Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos. Mas o restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Felizes e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles; serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele durante mil anos” (Ap 20.4-6).

Esses versículos expõem o reino dos santos com Cristo ao longo do milênio. No versículo 4 João descreve aqueles que reinam com Cristo de duas formas. Numa delas, aqueles santos que governam com Cristo são descritos como sobre tronos, exercendo julgamento.

²¹ Kik, *An Eschatology of Victory*, p. 194.

²² Ibid.

Essa é uma referência aos vinte e quatro anciãos que estão sentados sobre vinte e quatro tronos em Apocalipse 4.4 e 11.16. “Os vinte e quatro anciãos de São João são a assembléia representativa da igreja, o Sacerdócio Real. Ao longo da profecia o povo de Deus é visto reinando como sacerdotes com Cristo. (1.6, 5.10), usando coroas (2.10, 3.11), possuindo autoridade real sobre as nações (2.26-27), assentados com Cristo no Seu trono (3.21). Isso tudo é simbolizado na figura de um presbitério celestial (4.4): Como *reis*, os anciãos sentam-se nos tronos; como *sacerdotes*, são em número de vinte e quatro (cf. 1Cr 24), e usam coroas (cf. Ex 28.36-41).”²³ Numa linguagem simbólica João descreve o reino espiritual da igreja ao longo do milênio. A igreja governa do céu no sentido que os cristãos estão posicionalmente em Cristo, com Ele no céu, sentados no trono (cf. Ef 2.6; Ap 3.21). A igreja obtém toda a sua autoridade de Cristo, que governa do céu, mas os cristãos devem pôr em prática a Sua Palavra em cada aspecto da sua vida na terra. Os cristãos governam com Cristo e reinam sobre o mundo pela pregação do evangelho, ensinando e disciplinando as nações. A igreja é o sal e a luz na terra, difundindo a influência da Palavra de Deus até o ponto em que “a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Is 11.9).

A igreja reina como um corpo coordenado de sacerdotes e reis. O Novo Testamento claramente ensina que esse reino iniciou com a primeira vinda. Por isso também a igreja é constantemente descrita como um sacerdócio real: “Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa” (1Pe 2.9). Jesus Cristo “nos constituiu reis e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai” (Ap 1.6). “Tu os constituíste reis e sacerdotes para o nosso Deus” (Ap 5.10). “Estabelecemos dos versos 1-3, comparados com os versículos claros do Novo Testamento, que a ocasião do aprisionamento de Satanás é o período entre - adventos. Assim, determinar o tempo do aprisionamento de Satanás é definir, ao mesmo tempo, o período do milênio... Quanto ao reino dos santos, João por si referiu-se aos cristãos vivos como reis e sacerdotes (Ap 1.6). Certamente um rei é alguém que reina. Paulo fala no tempo passado (Cl 1.13) quando retrata o presente reino dos santos: ‘Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e *nos transportou para o Reino* do seu Filho amado’. Efésios 2.6 também está no tempo passado: ‘Deus nos

²³ Chilton, pp. 508-509.

ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus.”²⁴

João incluiu todos os santos martirizados na sua descrição daqueles que governam com Cristo. Ele escreveu a uma audiência que estava sofrendo perseguição de morte; assim, enfatizou que os santos martirizados que negaram submissão em adoração ao império romano também reinavam com Cristo. “Se o versículo 4bc é uma interpretação correta relativa aos mártires, devemos assumir que o versículo 4a diz respeito à Igreja no geral. Na sua declaração inicial João declarou que a visão de Daniel recebeu agora o seu cumprimento. O reino prometido ‘ao corpo dos santos das Maiores Alturas’, i.e., a Igreja do Filho do homem e Messias Jesus. Os mártires são então selecionados por uma alusão específica à situação dos santos da igreja a quem João escreve.”²⁵ Todos os crentes, vivos e mortos, são parte constituinte da igreja e têm parte no reino de Cristo. “Esse reino dos santos toma lugar no céu ou na terra? A resposta deve ser óbvia: ambos! O trono dos santos está no céu, com Cristo (Ef 2.6); no entanto, com o seu Senhor, exercitam governo e domínio sobre a terra (cf. [Ap] 2.26-27; 5-10; 11-15). Os que reinam com Cristo no Seu reino são todos aqueles que foram redimidos por Ele, a plena Comunhão dos Santos, independentemente de estarem vivendo ou já mortos... A igreja é tanto celestial quanto terrena. Similarmente, a esfera de governo da Igreja inclui a terra, mas é exercida *do Trono no céu*.”²⁶ João quer confortar os santos que estão vivendo debaixo de severa perseguição com a declaração que nada – nem mesmo a morte – pode levar embora deles o governo e o triunfo com Cristo. “... se perseverarmos, com ele também reinaremos” (2Tm 2.12). “Enquanto Satanás está amarrado, há aqueles que participam no governo de Cristo (Ap 20.4). Os participantes incluem tanto os santos martirizados no céu (‘as almas daqueles que foram decapitados por seu testemunho’) e os santos perseverantes sobre a terra (‘e aqueles que [oitines] não adoraram a besta’).”²⁷ A gramática grega define duas classes de pessoas que reinam durante o milênio: aqueles que estão no céu e aqueles que estão na terra. Essa passagem refuta o conceito pré-milenista de um reino terreno imaculado. “O reino que Ele está aqui concedendo a eles não é

²⁴ Cox, pp. 164-65.

²⁵ G. R. Beasley-Murray, *The New Century Bible Commentary: Revelation* (Grand Rapids, 1974), p. 295.

²⁶ Chilton, p. 514.

²⁷ Kenneth L. Gentry, Jr., *He Shall Have Dominion* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1992), p. 415-416.

político ou terreno, pois Ele expressamente desprezou um reinado baseado em pompa ou adorno carnais: ‘Jesus lhes disse: “Os reis das nações dominam sobre elas; e os que exercem autoridade sobre elas são chamados benfeitores. Mas, vocês não serão assim. Ao contrário, o maior entre vocês deverá ser como o mais jovem, e aquele que governa, como o que serve” (Lc 22.25-26). *O Seu reino é um reino espiritual de exercício espiritual humilde antes que de uma glória real de cunho político.*”²⁸

3. A primeira ressurreição

“O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Felizes e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles; serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele durante mil anos.” (Ap 20.5-6).

O apóstolo João ensina que aqueles que reinam com Cristo ao longo do milênio experimentaram uma “primeira ressurreição”. O resto dos mortos não viveria até o término do milênio. Os pré-milenistas interpretam essa passagem como que ensinando duas ressurreições *corporais* distintas separadas por mil anos. Já percebemos, no entanto, que as passagens claras nos evangelhos e nas epístolas que tratam da ressurreição do *corpo* e do julgamento final contradizem a visão pré-milenista. Apocalipse 20 em si contradiz a interpretação pré-milenista. O aprisionamento de Satanás (vv. 2-3) se deu durante o primeiro advento de Cristo, e a descida de fogo do céu (v. 9) ocorre durante a segunda vinda. Assim, devemos deixar as Escrituras definirem o significado da primeira ressurreição. Se uma ressurreição física contradiz o ensino claro de todo o Novo Testamento, então João está plausivelmente se referindo a uma ressurreição espiritual. Quando examinamos as Escrituras para ver se de fato falam de uma ressurreição espiritual encontramos evidência abundante de que João definitivamente tem em mente algo que é de ordem espiritual. “Se podemos determinar pela Escritura no que consiste a primeira ressurreição, teremos dado um grande passo no entendimento de todo o capítulo. É a chave que destrancará a porta.”²⁹

²⁸ Ibid., p. 485 (ênfase no original).

²⁹ Kik, *An Eschatology of Victory*, p. 180.

As duas ressurreições às quais se referiu João em Apocalipse 20 são idênticas àquelas ressurreições referidas por Cristo e registradas no próprio evangelho de João. Jesus nos diz que há duas ressurreições. A primeira refere-se à alma e é condicionada pelo ouvir e crer. A segunda diz respeito ao corpo e se refere à ressurreição no último dia. “Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida. Eu lhes afirmo que está chegando a hora, e *já chegou*, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e aqueles que a ouvirem, viverão” (Jo 5.24-25). “A primeira ressurreição não diz respeito ao corpo, se refere à alma. À medida que a palavra de Cristo é aceita por fé... a pessoa “tem a vida eterna” (sobre isso veja 1.4, 3.16) e passou da morte para a vida; e o que seria isso senão *a primeira ressurreição...*”³⁰ Jesus explica a segunda ressurreição nos versículos 28 e 29: “Não fiquem admirados com isto, pois está chegando a hora em que todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a Sua voz e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados.” “A segunda ressurreição é física por definição. Terá lugar no grande dia da consumação de todas as coisas.”³¹

Deus advertiu Adão de que se ele comesse do fruto proibido certamente morreria. (Gn 2.17) Quando comeu do fruto, Adão morreu *espiritualmente*. Por Adão toda a raça humana padeceu e se tornou morta em “transgressões e pecados” (Ef 2.1). Paulo disse “Mas a que vive para os prazeres, ainda que esteja viva, está morta” (1Tm 5.6). Jesus se referiu aos descrentes como “os mortos”. “Deixe que os mortos sepulsem os seus próprios mortos” (Mt 8.22; cf. Lc 9.60). “Uma vez que a primeira morte é primariamente a morte da alma humana, é a alma que precisa ser ressuscitada *primeiro*. Conseqüentemente devemos esperar encontrar no Novo Testamento referências à ressurreição da alma. Isso encontramos em abundância.”³² “Sabemos que passamos *da morte para a vida* se amarmos os nossos irmãos” (Jo 3.14).

O apóstolo Paulo diz que os crentes são “ressuscitados” com Cristo: “quando estávamos *mortos* em transgressões, [Deus] nos tornou *vivos* com Cristo (pela graça sois salvos), e nos *ressuscitou* com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo

³⁰ William Hendriksen, *The Gospel of John* (Grand Rapids: Baker, 1953), 1:201.

³¹ *Ibid.*

³² Kik, *An Eschatology of Victory*, p. 181.

Jesus” (Ef 2.5-6). A união dos crentes com Cristo em Sua morte e ressurreição é a base para a sua regeneração. Assim, quando Paulo discute o batismo (que é um sinal e selo da regeneração) estabelece relação entre a ressurreição da alma (regeneração) e a ressurreição de Jesus Cristo: “foram sepultados com Ele no batismo, e com ele foram ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos. Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões...” (Cl 2.12-13). “Antes dessa ressurreição final há outra, uma Primeira Ressurreição: a ressurreição de ‘Cristo, as primícias’. Ele levantou dos mortos e ressuscitou todos os crentes com Ele. Note: São João não está dizendo que o crente por si é ressuscitado, mas que tem parte na Primeira Ressurreição. Ele está partilhando a ressurreição de Outro – a Ressurreição do Senhor Jesus Cristo.”³³ Assim a primeira ressurreição ocorre definitivamente na ressurreição de Cristo e então progressivamente ao longo do milênio, à medida que as pessoas são regeneradas e crêem em Cristo. “Dessa maneira, a Primeira Ressurreição é espiritual e moral, é a nossa regeneração em Cristo e união com Deus, a nossa restauração em Sua imagem, a nossa participação na Sua ressurreição. Essa interpretação é confirmada pela descrição de São João daqueles participantes da Primeira Ressurreição – que corresponde plenamente a tudo o que em outro lugar ele nos fala acerca dos eleitos: Eles são abençoados (1.3; 14.13; 16.15; 19.9; 22.7, 14) e consagrados, i.e., *santos* (5.8; 8.3-4; 11.18; 13.7, 10; 14.12; 16.6; 17.6; 18.20, 24; 19.8; 20.9; 21.2, 10); como Cristo prometeu plena fidelidade, a Segunda Morte (v. 14) não tem poder sobre eles (2.11); e são sacerdotes (1.6; 5.10) que reinam com Cristo (2.26-27; 3.21; 4.4; 11.15-16; 12.10). Realmente, São João iniciou a sua profecia dizendo aos seus leitores que todos os cristãos são sacerdotes reais (1.6); e a mensagem consistente do Novo Testamento, como temos visto repetidamente, é que o povo de Deus está agora sentado com Cristo, reinando em Seu reino (Ef 1.20-22; 2.6; Cl 1.13; 1Pe 2.9). O maior erro na análise do milênio de Ap 20 é o fracasso em reconhecer que ele fala de realidades presentes da vida cristã... A Primeira Ressurreição está tomando lugar agora. Jesus Cristo está reinando agora (At 2.29-36; Ap 1.5). E isso inevitavelmente significa *que o milênio também está tomando lugar agora.*”³⁴

³³ Chilton, p. 517.

³⁴ Ibid., pp. 518-19.

Como percebido acima, quando João usa a expressão “a primeira ressurreição”, está fazendo uso de uma linguagem que cristãos familiarizados com as Escrituras vão automaticamente associar ao renascimento da alma na regeneração (e.g., “sendo vivificados”, “sendo levantados” e “passando da morte para a vida”). Essa interpretação está em completa harmonia com o Novo Testamento e com o contexto de Ap 20. Quem são aqueles que segundo João não precisam temer a segunda morte? São aqueles que nasceram de novo (isto é, os cristãos). “Note a semelhança de linguagem com o que João diz em Ap 20.6 que aqueles que têm parte na primeira ressurreição vão escapar da segunda morte. Que a segunda morte é *espiritual* ao invés de física é evidente a partir do fato que aqueles lançados no lago de fogo – que é a segunda morte (Ap 20.24) – sofrem tormento eterno. É incoerente João ter dito que uma ressurreição *física* previne de uma punição espiritual. Ambos são espirituais, a primeira ressurreição e a segunda morte.”³⁵ “Felizes e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles” (Ap 20.6).

4. O Reino como milênio

Tanto pré-milenistas como pós-milenistas consideram reino e milênio termos basicamente sinônimos.³⁶ O ponto principal de discórdia é se estamos presentemente vivendo no milênio (ou reino) ou se o milênio está reservado para o futuro, após a segunda vinda. Um segundo ponto de discórdia é a natureza do reino. Trata-se de um reino espiritual no qual as nações são transformadas pela pregação da Palavra de Deus, ou se trata de um reino literal, terreno, onde Cristo governa como um ditador sobre as nações por força física? O milênio e o reino de Cristo são tudo a mesma coisa. Uma análise breve do ensino bíblico sobre a realeza mediatória de Cristo prova que estamos vivendo atualmente no reino de Cristo; não se trata de algo exclusivamente futuro.

5. O período do Reino

Na sua explicação profética do sonho do Rei Nabucodonosor Daniel revelou que o reino de Cristo seria estabelecido nos dias do império Romano: “Na época desses reis, o Deus dos céus estabelecerá um

³⁵ Cox, p. 167.

³⁶ Este livro está preocupado com a questão da configuração pré-consumada do reino (anterior ao estado eterno).

reino que jamais será destruído e que nunca será dominado por nenhum outro povo. Destruirá todos os reinos daqueles reis e os exterminará, mas esse reino durará para sempre” (Dn 2.44). A ampla maioria dos intérpretes (incluindo os dispensacionalistas) identifica os quatro reinos como (1) a cabeça de ouro – o império neo-babilônico; (2) o peito e o braço – o império Medo-Persa; (3) o ventre e os quadris – o império grego; (4) as pernas e os pés – o império romano. Daniel diz que a estátua que representa esses impérios pagãos sucessivos ainda estará existindo quando o reino de Cristo for definido. “Em Daniel 2.31-45, o reino de Cristo é referido como que descendo à terra como uma pedra a esmagar o reino do mundo, debaixo do governo de um quarto império. Como já vimos pela passagem, aprendemos que ele cresce até tornar-se uma grande montanha na terra: ‘Enquanto estavas observando, uma pedra soltou-se, sem auxílio de mãos, atingiu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmigalhou... Mas a *pedra* que atingiu a estátua *tornou-se numa montanha* e encheu toda a terra’ (Dn 2.34-35)... Nesse relato figurado temos tanto continuidade sobre o tempo como desenvolvimento singular: a pedra cresce até tornar-se uma montanha. Também testemunhamos luta e resistência: a pedra no final esmaga a estátua. Por fim, nos regozijamos com o seu sucesso: a estátua foi completamente destruída. Esse desenvolvimento gradual até a vitória contra a oposição também é retratado em Daniel 7.26, onde testemunhamos a vitória como ‘o resultado de *muitos* golpes antes que de *um* só golpe.’ Esse processo manifesta uma *santificação progressiva uniforme* na história” ³⁷

Os dispensacionalistas pré-milenistas reconhecem que essa passagem se refere à definição do reino de Cristo (o milênio). Mas como crêem que o milênio ocorrerá totalmente num tempo futuro, precisam fazer uma ginástica exegética para adequar a visão dentro do seu sistema de interpretação. Primeiro, precisam ignorar o progressivo crescimento do reino de Cristo de uma pedra a uma montanha. A ruína do poder mundial gentílico precisa ser plena e ocorrer em pouco tempo, subitamente, para que se ajuste ao seu sistema. No entanto Cristo descreve o Seu reino começando minúsculo e crescendo progressivamente ao longo da história. (Mt 13.31-33). Segundo, para a passagem se adequar ao conceito de um reino de ocorrência totalmente futura, os dispensacionalistas inventaram a idéia de um império romano revivido numa ocasião futura. Eles interpretam a frase “nos dias desses reis” como se referindo aos dedos dos pés da estátua. Argumentam que os dedos

³⁷ Gentry, p. 251.

dos pés da estátua e os dez chifres da quarta besta de Daniel 7 representam dez reinos que constituirão a base do império romano restaurado, no futuro. “Assim, alegam eles, o período da profecia foi definido como sendo não a primeira, mas a segunda vinda de Cristo... Cristo então virá *para* os Seus santos: a Igreja será arrebatada ao céu e a Pedra cairá. Esse ponto de vista precisa ser rejeitado por ser exegeticamente insustentável. Faz caso demais do simbolismo. Não temos expressamente dito que há dez dedos. Os *dez* reis devem ser oriundos unicamente dos dez chifres de Dn 7.24-27. Que existem dez dedos é algo meramente inferido do fato que a estátua aparece na forma de um homem. Além disso, *a estátua não é chamativa pelos seus dedos, mas pelos seus pés* (2.34). Agora os pés e as pernas devem ser tomados juntos (2.33)... Por último, a frase *nos dias desses reis* não podem estar se referindo aos dez dedos (*Gaebelein*), pois os dedos em nenhum lugar são identificados como reis. Nem se referem aos reis da quarta monarquia, pois não há menção a esse tipo de reinado; os únicos reis ou reinados mencionados são os quatro impérios.”³⁸ A estátua representa quatro impérios pagãos sucessivos. Eles são visualizados organicamente, pois cada um deles incorpora o império antecedente. A estátua é uma só. Os reis claramente representam os quatro reinados simbolizados pela estátua. Isso deveria ser óbvio quando temos em mente que o alvo da visão (Nabucodonosor) é o primeiro rei. “O reino do Messias... foi instaurado há mais de 1900 anos atrás nos dias dos Césares por Jesus e os Seus apóstolos, crescendo e se expandindo desde então.”³⁹

Há evidência abundante nos evangelhos de que o reino foi estabelecido durante a primeira vinda de Cristo. João Batista pregou “Arrependam-se, pois o Reino dos céus está *próximo*” (Mt 3.2). Quando Jesus iniciou o Seu ministério pregou “O tempo é chegado. O Reino de Deus está *próximo*. Arrependam-se e creiam nas boas novas!” (Mc 1.15). “Daí em diante Jesus começou a pregar: ‘Arrependam-se, pois o Reino dos céus está *próximo*’” (Mt 4.17). O fragmento “próximo” significa iminência no tempo. “O que isso implicava deve ter ficado claro, ao menos parcialmente, a todos os judeus. Era o anúncio do reino do Messias, o Filho de Davi. O que

³⁸ Edward J. Young, *Daniel* (Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 1949), p. 78.

³⁹ Allis, p. 123. O fato do conceito dispensacionalista de um império Romano restaurado *não* ser amparado por *qualquer* teólogo ou comentarista anterior à invenção do dispensacionalismo no século dezenove deve nos manter altamente céticos acerca dessa visão. Se o que Daniel tinha em mente era um império Romano restaurado, deveríamos esperar que alguém anterior a J.N. Darby já tivesse encontrado isso no texto.

eles não entenderam era a natureza real do reino e a forma que seria introduzido.”⁴⁰

Quando João Batista e Jesus pregaram que o reino estava a ponto de irromper à frente na história, não se referiam a 2000 anos no futuro. Jesus disse durante a sua vida que o reino era uma *realidade* presente: “Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus” (Mt 12.28). Jesus expulsou demônios pelo Espírito de Deus ao longo do Seu ministério terreno? Certamente! “O fato que o reino de Satanás estava sendo invadido e suas possessões (demoníacas) conquistadas por Cristo (Mt 12.25-29) é prova que o reino havia chegado.”⁴¹ Quando os fariseus inquiriram Jesus sobre quando chegaria o reino de Deus, Jesus respondeu no tempo presente: “o reino de Deus *está* entre vocês” (Lc 17.21). “A Lei e os Profetas profetizaram até João. Desse tempo em diante estão sendo pregadas as boas novas do Reino de Deus, e todos tentam forçar [tempo presente] sua entrada nele” (Lc 16.16). O reino é presente e espiritual.

Jesus disse aos Seus discípulos que alguns estariam vivos para ver pessoalmente “o reino de Deus vindo com poder”. “E lhes disse: ‘Garanto-lhes que alguns dos que aqui estão de modo nenhum experimentarão a morte, antes de verem o Reino de Deus vindo com poder’” (Mc 9.1). “Ele estava dizendo que alguns daqueles a quem estava se dirigindo ... veriam o reino ou reinado ou reino de Deus vir ‘com poder’. A referência é com toda a probabilidade à ressurreição gloriosa de Cristo, seu retorno *em Espírito* no dia de Pentecostes e, numa relação íntima com este evento, sua posição, com grande poder e influência, à direita do Pai”.⁴² A interpretação que diz que haverá pessoas a dois mil anos no futuro que não vão morrer até a vinda do reino com poder claramente viola princípios elementares da interpretação bíblica. Será que a audiência que estava ouvindo a promessa de Jesus considerou Suas palavras como que se referindo a pessoas que ainda nem haviam nascido?

Uma passagem que revela tanto a natureza quanto a ocasião do reino é Jo 18.36-37: “‘O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui’. ‘Então você é rei!’, disse Pilatos.’ Jesus respondeu: ‘Tu dizes corretamente que *sou Rei*. De

⁴⁰ Ibid., p. 66.

⁴¹ Gentry, pp. 216-17.

⁴² William Hendricksen, *The Gospel of Mark* (Grand Rapids: Baker, 1975), p. 333.

fato, por esta razão nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade me ouvem'." Jesus não apenas diz que é rei, mas também diz que essa é a razão principal pela qual Ele nasceu no mundo. Ele corrige a expectativa dos judeus acerca de um reino político e terreno. "O texto *não diz*, como se tratasse de um ensino tolo, que o reino de Cristo é irrelevante para o mundo; antes, afirma que o reino não é *derivado* da terra: Ele estava falando da *fonte* da Sua autoridade, não do lugar do Seu reino legítimo. Seu reino não é *deste* mundo, mas *está* neste mundo".⁴³ O pré-milenista comete o mesmo erro dos judeus na expectativa de uma ditadura política de excelência por Cristo em Jerusalém. Se tivesse sido o caso, por que Jesus explicitamente rejeitou a oferta dos judeus de constituí-lo rei político, terreno (Jo 6.15)? O reinado de Cristo é espiritual; Ele governa da destra de poder no céu (Ef 1.20-21).

A Bíblia ensina que Cristo recebeu o seu reino com poder, pela ressurreição dentre os mortos (Rm 1.4). Portanto a ressurreição é o ponto crítico de toda a história humana: "Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mt 28.18-20). Na base da autoridade universal de Cristo no céu e na terra os apóstolos são ordenados a ir e fazer discípulos de todas as nações. Na Bíblia, a ressurreição, ascensão e entronização de Cristo são tratadas organicamente como um aspecto da Sua exaltação.

O profeta Daniel teve uma visão na qual viu a ascensão de Cristo (note que Jesus recebeu o reino na ascensão e não na segunda vinda): "Em minha visão à noite, vi alguém semelhante a um filho de homem, vindo com as nuvens dos céus. Ele se aproximou do ancião e foi conduzido à sua presença. Ele recebeu autoridade, glória e *o reino*; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e *Seu reino* jamais será destruído" (Dn 7.13-14). "Mediante o Espírito de santidade foi declarado Filho de Deus com poder, pela sua ressurreição dentre os mortos: Jesus Cristo, nosso Senhor" (Rm 1.4)... Logo Pedro pôde dizer no Pentecostes acerca da ressurreição e ascensão de Jesus, 'Portanto, que todo o Israel fique certo disto:

⁴³ Chilton, p. 515, citando Gary North, *Backward, Christian Soldiers? An Action Manual for Christian Reconstruction* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984).

Este Jesus, a quem vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2.36).⁴⁴

O autor de Hebreus diz que após Cristo ter sofrido humilhação, Ele foi coroado com glória e honra pelo Pai: “Tu o fizeste um pouco menos do que os anjos e o coroaste de glória e de honra; tudo sujeitaste debaixo dos seus pés” (Hb 2.7-8). “A entronização de Cristo é algo consumado desde a Sua ascensão... Não aguardamos hoje por um reinado futuro de Cristo: Ele está *agora* no Seu trono. Realmente, no Novo Testamento, a passagem mais citada ou aludida ao Antigo Testamento é o Salmo 110. Esse versículo lembra a palavra de Deus o Pai a Cristo o Filho: ‘Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés’. De diferentes formas ela aparece dezesseis vezes no Novo Testamento. O sentar-se ‘à direita’ de Deus é um equivalente semântico a sentar-se no trono de Deus, como é evidente em Ap 3.21: ‘Assim como eu também venci e sentei-me com meu Pai em seu trono’.”⁴⁵ Portanto Pedro pôde louvar, “Deus o exaltou, colocando-o à sua direita como *Príncipe e Salvador*” (At 5.31). Se os apóstolos estivessem pregando (como fazem os pré-milenistas) que o reino de Cristo era algo distante no futuro, então por que os judeus os acusaram de pregar o reino de Cristo? “Todos eles estão agindo contra os decretos de César, dizendo que existe um outro rei, chamado Jesus” (At 17.7).

Se o reino de Cristo e o reino milenar são eventos futuros, então por que o apóstolo Paulo sempre descreve a entronização de Cristo com verbos em tempo *passado*? “Deus *colocou* todas as coisas debaixo de seus pés e o *designou* cabeça de todas as coisas para a igreja” (Ef 1.22). “Por isso Deus o *exaltou* a mais alta posição e lhe *deu* o nome que está acima de todo nome” (Fp 2.9). Por que Paulo, escrevendo no primeiro século, usa o tempo presente para descrever o reino de Cristo? “Pois é necessário que ele *reine* até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés” (1Co 15.25).⁴⁶ Por que Paulo disse aos cristãos colossenses que eles têm sido “transportados [tempo passado] para o *Reino* de seu Filho amado” (Cl 1.13)? Para os crentes do primeiro século, o reino (o milênio) era

⁴⁴ Crenshaw and Gunn, p. 334.

⁴⁵ Gentry, p. 221. Gentry cita os seguintes versículos: Mt 22.44, 26.64; Mc 12.36, 14.62, 16.19; Lc 20.42-43, 22.69; At 2.34-35; Rm 8.34; 1Co 15.25; Ef 1.20; Cl 3.1; Hb 1.3, 13; 8.1; 10.12.

⁴⁶ Quando Paulo discute a entronização de Cristo usa o tempo aoristo, que indica que a entronização de Cristo se deu *num momento específico do passado*. Quando ele discute o reino de Cristo emprega um presente ativo do infinitivo. Paulo estava convencido de que vivia no milênio (no reino de Cristo).

uma realidade presente.⁴⁷ Devemos tentar forçar o ensino sobre o reino conforme consistentemente ensinado nos evangelhos, Atos e epístolas, dentro do modelo pré-milenista? Não faria mais sentido interpretar Apocalipse 20 à luz do ensino explícito e consistente do restante do Novo Testamento?

Os intérpretes pré-milenistas tentam distorcer o ensino do Novo Testamento sobre o reino fazendo uma distinção entre as expressões “reino dos céus” e “reino de Deus”. O reino dos céus é considerado judaico, messiânico e davídico. Os dispensacionalistas ensinam que esse reino judaico terreno foi oferecido por Cristo a Israel, mas Israel rejeitou essa oferta do reino; portanto, esse reino foi adiado até a segunda vinda de Cristo, quando Ele estabelecerá uma ditadura política de 1000 anos sobre o mundo, do Seu trono em Jerusalém. (O fato que Cristo rejeitou a oferta de um reino político judaico durante a Sua primeira vinda (Jo 6.15) é ignorado por esses mesmos intérpretes). Por outro lado, o reino de Deus é considerado universal. Ele abarca a era da igreja e todos os crentes gentios. Assim a era presente é a dispensação do reino de Deus.

O problema com a visão dispensacionalista é que as expressões “reino de Deus” e “reino dos céus” são usadas intercambiavelmente nos evangelhos e são, portanto, sinônimos. O acadêmico do Antigo Testamento, Oswald T. Allis, escreve “Seria algo muito natural. O conceito de reino é proeminente no Antigo Testamento; e a passagem que naturalmente sugere isso é Dn 2.44, onde lemos: ‘Na época desses reis, o Deus dos céus estabelecerá um reino que jamais será destruído’. Esse será o reino de Deus no céu. Conseqüentemente, é certamente apropriado defini-lo como ‘reino dos céus’ e ‘reino de Deus’, da mesma forma como ‘a arca da aliança do SENHOR’ deveria ser chamada ‘a arca da aliança’ e ‘a arca do SENHOR’ (e.g., Js 6.6-8). Que as duas expressões são equivalentes é evidente de forma especialmente clara pelo fato que são usadas num paralelismo sinônimo em Mt 19.23, e também porque três das

⁴⁷ “‘Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo’ (Rm 14.17) - coisas que definem uma realidade presente na experiência cristã e são gozadas pelo povo de Deus em todos os lugares.... ‘Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas’ (Mt 6.33). Isso implica que o reino é alcançável desde já pelo crente, e que uma vez obtido, todas as demais coisas são igualmente dadas a ele. Que Paulo ao longo do seu ministério tenha pregado o reino como uma realidade presente é algo claramente perceptível das suas colocações aos irmãos de Éfeso, como o ter lembrado que por três anos residiu entre eles ‘pregando o reino’ (At 20.25), e com base nos versículos finais do livro de Atos: ‘Por dois anos inteiros Paulo permaneceu na casa que havia alugado, e recebia a todos os que iam vê-lo. Pregava o Reino de Deus e ensinava a respeito do Senhor Jesus Cristo, abertamente e sem impedimento algum’ (At 28.30, 31). Esses versículos contrariam a idéia que o reino seja uma realidade estritamente futura.” (Boettner, p. 285).

parábolas que aparecem em Mt 13 como parábolas do reino dos céus (o Semeador, o Grão de Mostarda e do Fermento) aparecem em Marcos ou Lucas como parábolas do reino de Deus”.⁴⁸ Os dispensacionalistas se envolvem em ginástica exegética e distinções bizarras e detalhistas, pois seu sistema de escatologia não é *derivado*, mas *forçado* sobre o texto. A verdade simples é que Mateus, escrevendo a uma audiência predominantemente judia, preferiu a expressão “reino dos céus”, ao passo que Lucas e Marcos, que escreveram a uma audiência predominantemente gentia, optaram pela expressão “reino de Deus”.

Pré-milenistas históricos fazem uso de uma abordagem mais sutil. Eles argumentam que a era do cumprimento é uma realidade presente, mas que o período da consumação ou da plenitude do reino aguarda a segunda vinda e o reino milenar. O pré-milenista histórico G.E. Ladd escreve: “Cristo está agora reinando como Senhor e Rei, mas o Seu reino está velado, inobservável e irreconhecível pelo mundo. A Sua glória é no presente conhecida somente pelas pessoas de fé. No que diz respeito ao mundo, o reino de Cristo é apenas algo potencial e não-consolidado... Se então o tempo presente é o tempo do reino velado e da glória secreta de Cristo, a Era Porvir será o tempo do domínio todo-abrangente do Pai, o reino milenar será o tempo da manifestação da glória de Cristo quando a soberania que agora possui mas não manifesta abertamente... será revelada ao mundo”.⁴⁹ Ladd então baseia o seu argumento escriturístico no aprisionamento de Satanás em Apocalipse 20.2-3 (que já foi demonstrado ser na verdade uma referência à primeira e não à segunda vinda de Cristo] e no fato da Bíblia assegurar um período de prevalência de retidão antes do estado final, o mal será amplamente erradicado e a terra conhecerá paz e prosperidade. O argumento de Ladd relativo ao período de

⁴⁸ Allis, p. 67. “*Efésios é uma virtual crítica anti-dispensacionalista do apóstolo Paulo!* Note o ensino em Efésios das questões antitéticas ao dispensacionalismo: Cristo é revelado como presentemente em Sua posição de Senhor que reina (1.19-22) e, assim como já dito, estamos agora assentados com Ele (1.3, 2.6). Paulo atribui a aplicação das ‘Promessas do pacto’ (literalmente) aos gentios na igreja (2.10-12). Ele enfatiza a remoção da distinção entre Judeus e Gentios (2.12-19). Refere-se à edificação da Igreja como representação da construção do templo (2.20-22). O período neo-testamentário da Igreja diz-se ter sido comunicado no Antigo Testamento, embora não com a mesma amplitude e clareza (3.1-6). A entronização real de Cristo é celebrada pela concessão de dons sobre a Sua Igreja/reino (4.8-11), com a expectativa da maturação histórica da Igreja (4.12-14). Paulo discorre sobre a igreja de uma forma que expressa a sua natureza espiritual, antes que política (5.5)” (Gentry, p. 224). Muitos, senão a maioria dos dispensacionalistas, são ignorantes de que a maioria das suas doutrinas mais importantes não foram sustentadas por *um só* acadêmico, comentarista ou teólogo cristão até a ocasião, nos idos de 1830, em que o seu sistema foi inventado por J. N. Darby. A visão de Darby tornou-se popular após a publicação da Bíblia de Referência Scofield (*Scofield Reference Bible*), em 1909.

⁴⁹ George Eldon Ladd, *Theology of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 63.

retidão e paz sobre a terra *pressupõe* que tais bênçãos não podem ocorrer antes da segunda vinda. Os pós-milenistas são da opinião que há fundamento escriturístico suficiente para considerar as profecias de uma bênção mundial como de ocorrência *anterior* à segunda vinda. O problema central do argumento de Ladd é que simplesmente contradiz a consideração do apóstolo Paulo acerca da segunda vinda: “Cristo, o primeiro; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem. *Então virá o fim*, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder” (1Co 15.23-24).⁵⁰

⁵⁰ Os estudiosos pré-milenistas sabem que 1Co 15.23-24 é uma grande prova contra a sua posição; assim, tentaram contornar o claro significado dessa passagem, de duas formas básicas: Alguns pré-milenistas argumentam que “então virá o fim” não se refere à consumação de todas as coisas mas à consumação *da ressurreição*. Eles interpretam a passagem de forma que signifique “então, em algum momento no futuro distante chegará o fim; i.e., a ressurreição dos ímpios.” R. C. H. Lenski escreve, “Paulo diz simplesmente: ‘Então o fim,’ e omite o verbo por não ser necessário. A nossa versão traduz corretamente: ‘Então vem o fim,’ e usa o tempo presente. Aqueles que pensam a respeito de uma dupla ressurreição atrelam um tempo futuro: *estai*, ‘então *será* ou *deve vir* o fim.’ Isso dá margem ao intervalo que eles buscam, pois podem estender esse tempo futuro a milhares de anos, ou tão quanto desejarem. A única dificuldade é que Paulo não registra qualquer verbo ou tempo verbal; e uma doutrina que está baseada num verbo ou tempo verbal que é inserido descansa sobre algo que não existe. ‘Então, o fim’, sem verbo ou qualquer tempo verbal, significa ‘então, a Parousia.’ Nenhuma regra gramatical conhecida nos autoriza a introduzir um tempo verbal, sem falar no longo intervalo... O que Paulo diz é que a Parousia e a ressurreição determinam o fim, literalmente a abolição de quaisquer forças hostis (aqui, evidentemente, incluindo o ímpio) e a transferência do reino a Deus” (*The Interpretation of St. Paul’s First and Second Epistles to the Corinthians*, pp. 672-74). O segundo argumento é baseado no termo grego para então (*eita*). É argumentado que a palavra *então* pode significar qualquer margem temporal desejada, seja imediata ou um futuro distante. Assim, a passagem poderia ser parafraseada, “Cristo, as primícias, posteriormente aqueles que são de Cristo na Sua segunda vinda. Então, *com o término do reino milenar de 1000 anos*, vem o fim.” Esse argumento é descartado pelo simples fato que o advérbio *eita* no N.T. *nunca* se refere a um longo intervalo de tempo. Ele é usado para denotar um *curto* intervalo de tempo (cf. Mc 4.17, 28; 8.25; Lc 8.12; Jo 13.5; 19.27; 20.27; 1Co 12.28; 15.5, 7; 1Tm 2.13; 3.10; Hb 12.9; Tg 1.15). Note a forma como Paulo usa dois diferentes advérbios nessa passagem: uma para denotar um intervalo longo, e outra para denotar um intervalo estreito. “E podemos perceber, que embora existe uma ordem sucessória entre os três eventos citados nos versículos 23 e 24 (literalmente, 1. A ressurreição de Cristo; 2. A ressurreição do Seu povo; 3. O fim), no entanto o advérbio *epeita* – denotando a ordem de sucessão entre os dois *primeiros* (a ressurreição de Cristo e do Seu povo) onde o intervalo é *longo* – não é usado para denotar a ordem de *sucessão* nos dois eventos *posteriores* (a ressurreição do povo de Cristo, e o fim), mas é trocado por *eita*, como que para nos advertir que embora existe uma regularidade na *ordem* nos eventos citados, não há uma regularidade quanto à *extensão do intervalo*; assim, o advérbio apropriado para expressar um *longo* intervalo (*epeita*) no v. 23, é alterado no v. 24 para *eita*, um advérbio apropriado para denotar um intervalo *estrito*... [Assim] enquanto o intervalo entre os *dois primeiros* eventos – a ressurreição de Cristo e do Seu povo – é *longo* do nosso ponto de vista, o intervalo entre os *dois últimos* eventos – a ressurreição do povo de Cristo e o *fim* – será consideravelmente *estrito*” (Gipps, *First Resurrection*, citado em Brown, pp. 482-83).



A Natureza do Reino

Os pré-milenistas erram não apenas no tocante ao período do reino, mas também quanto à sua natureza. Os dispensacionalistas crêem que Jesus veio ao mundo para estabelecer um reino judaico político terreno. Os judeus rejeitaram a oferta de Cristo e assim o reino político terreno teria que esperar pela segunda vinda e pelo milênio.

1. O Reino é espiritual

A verdade é que os judeus e mesmo os discípulos ansiavam por um reino judaico político terreno, mas Jesus rejeitou esse conceito e no seu lugar ensinou sobre um reino *espiritual*. Isso é claramente perceptível do encontro de Jesus com dois discípulos na estrada para Emaús. Os dois discípulos manifestaram desapontamento porque Jesus não resgataria Israel: “E nós esperávamos que era ele que ia trazer a redenção a Israel” (Lc 24.21). Esses homens estiveram esperando libertação política de Roma. Tinham uma concepção política e terrena do reino. Jesus corrigiu a sua concepção colocando o foco na cruz: “Ele lhes disse: ‘Como vocês costumam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na Sua glória?’ E começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras” (Lc 24.25-27).

Jesus proclamou um reino espiritual redentor, um reino em que se entrava por intermédio de um novo nascimento, tomando-se parte da primeira ressurreição: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito” (Jo 3.5) – não um reino de armas e poder político, mas de serviço humilde e submisso a Cristo e ao próximo.⁵¹ “Bem-aventurados os

⁵¹ “Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus” (Mt 18.3-4) “Jesus lhes disse: “Os reis das nações dominam sobre elas; e os que exercem autoridade sobre elas são chamados benfeitores. Mas, vocês não serão assim. Ao contrário, o maior entre vocês deverá ser como o mais jovem, e aquele que governa,

humildes, pois eles receberão a terra por herança” (Mt 5.5). “Eis que o seu rei vem a você, humilde e montado num jumento, num jumentinho, cria de jumenta” (Mt 21.5). Quando inquirido da Sua messianidade, Jesus fez menção às Suas obras de serviço, misericórdia e cura (Mt 11.4-6). “Ele rejeitou os esforços dos judeus de torná-Lo Rei ou de colocá-lo em conflito com os governadores romanos. Ele declarou a Pilatos ‘O meu Reino não é deste mundo’ (Jo 18.36). Tivesse Jesus vindo instaurar um reino da forma descrita pelos dispensacionalistas, não teria respondido dessa forma a Pilatos. Ou, ao menos, Suas palavras teriam que ser tomadas como significando ‘O meu Reino não é *agora* deste mundo’. Pois de acordo com a visão dispensacionalista tratava-se de um reino mundano, um reino que iria envolver a derrota violenta de Roma que Jesus teria oferecido e daria aos judeus (tão breve como a entrada triunfal?), se estivessem eles desejosos por recebê-lo”.⁵²

Jesus especificamente disse aos fariseus que o Seu reino não seria estabelecido com poder militar ou com visível ostentação: “Certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus respondeu: ‘O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: ‘Aqui está ele’, ou ‘Lá está’; porque o Reino de Deus está entre vocês” (Lc 17.20-21). Paulo também rejeitou uma concepção mundana e carnal do reino: “Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17). “Cristo esclareceu em numerosas ocasiões que o propósito da Sua primeira vinda era de salvar o Seu povo dos pecados, não de estabelecer imediatamente um reino em plenitude que esmagaria instantaneamente todos os inimigos dos judeus... A oferta de um reino terreno que estabelecesse Seu reinado imediato em Jerusalém é algo não declarado ou insinuado em qualquer lugar nos evangelhos. Ele repetidamente torna conhecido que veio trazer salvação ao Seu povo, e que *então* – por meio do Seu povo – faria chegar um reino (Dn 7.18, 22, 27; Mt 13.31-33; 1Co 15.21-28; 1Jo 5.4; Ap 2.26, 27; 5.10; 12.10).”⁵³ Não há um só traço

como o que serve” (Lc 22.25-26). “É somente à medida que a vontade de Deus é realizada no coração e na vida das pessoas, assim tornando-as cômicas das responsabilidades no mundo, que pode-se dizer que o reino está sendo percebido, está ‘vindo’. E uma vez que aqueles, e somente aqueles, que aceitam o evangelho e professam a sua fé em Cristo são designados membros da Sua Igreja, a relação entre o reino e a Igreja deve ficar obviamente patente” (Allis, p. 80). “Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim *na terra* como no céu” (Mt 6.10).

⁵² Ibid., pp. 70-71.

⁵³ Crenshaw e Gunn, p. 66 (cf. Mt 1.21; 9.13; 11.25-30; 16.21; 17.22-23; 18.11; 20.18-19, 28; Mc 1.1, 14-15; 8.31; 9.12, 31; 10.33-34, 45; 14.24-25; Lc 1.68; 2.38; 4.18-19; 5.32; 9.22, 44; 18.31-34; 19.10; Jo 1.29; 2.19-22; 3.16; 4.42; 5.38-47; 6.14, 29, 38-40; 10.11, 15-28; 11.25-27, 51-52; 12.27, 46).

de evidência nos evangelhos ou epístolas a respeito de um reino instantâneo, terreno e político por intermédio de um Armageddon.

2. O Reino é universal

Os pré-milenistas dispensacionalistas defendem que o reino milenar é judaico e terreno. A Bíblia ensina que o reino é universal, pan-ético (composto de todas as raças) e espiritual. “A nação judaica, por conta da sua rebelião pactual contra o Messias e da sua rejeição e assassinato de Jesus Cristo, perdeu o seu status de “um povo distinto e favorecido no reino”.⁵⁴ Cristo ensinou que Deus rejeitaria Israel por sua apostasia: “Portanto eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino” (Mt 21.43). Quem substituiu Israel como alvo da revelação de Deus, dos sacramentos, do governo e assim por diante? *A igreja* – composta tanto por judeus quanto gentios. “Diz Jesus, ‘O reino de Deus’, isto é, os privilégios especiais do reino – a posição singular perante os olhos de Deus, objeto de deleite desse povo durante a antiga dispensação, ao qual têm sido agora acrescentadas as abençoadas palavras e obras de Jesus – ‘será levado de vocês [os judeus]’. Por quê? Porque eles não viveram à altura das suas obrigações... Assim, no lugar do antigo pacto um povo faria surgir – isso já não estava começando a acontecer? – ‘uma nação produzindo o seu fruto’, uma igreja internacional, constituída tanto por judeus quanto gentios.”⁵⁵

Paulo ensina que virá um tempo em que haverá uma ampla conversão de judeus (Rm 11.26), mas os judeus salvos tornar-se-ão parte da igreja; eles não constituirão um povo separado. “A igreja do período do Novo Testamento não é um corpo distinto, efêmero, de pessoas. Antes, é um cumprimento renovado e ordenado do antigo corpo para *todo* o tempo. Essa igreja é uma unidade com os antepassados dos judeus, enxertada na raiz abramica e assim partilhando da sua seiva (Rm 11.17-18).”⁵⁶ Assim, no início do Seu ministério Jesus disse “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). “No Seu primeiro sermão em Nazaré (Lc 4.16), Ele dirigiu as palavras de Isaías 61.1 de modo tão direto aos gentios, como que numa censura pesada às expectativas

⁵⁴ Gentry, p. 229.

⁵⁵ Hendricksen, *Matthew*, p. 786.

⁵⁶ Gentry, pp. 230-31.

nacionalistas dos Seus ouvintes, que estes procuraram matá-lo, assim como os judeus de Jerusalém, anos mais tarde, tentaram matar Paulo pelo mesmo motivo (At 22.21). Passagens como essas acima indicam de modo inequívoco que desde o início Jesus não apenas deixou de encorajar, mas definitivamente se opôs às expectativas dos judeus de que um reino judeu, terreno, de glória, tal como Davi estabeleceu séculos antes, estava para ser instaurado”.⁵⁷

O reino que Cristo veio estabelecer por Sua morte e ressurreição é composto de pessoas de todas as nações, tribos e línguas. Paulo disse “Pois ele é a nossa paz, o qual de ambos [judeus e gentios] fez *um* e destruiu a barreira, o muro de inimizade” (Ef 2.14). Deus não tem dois povos, mas *um*. A idéia dispensacionalista de um reino israelita ao longo do milênio, com um templo só então reconstruído, não tem base na teologia do Novo Testamento. Poderia Paulo ser mais claro do que quando disse “Não há judeu nem grego... pois todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3.28)? O templo está sendo reconstruído agora: “Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus... no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor” (Ef 2.19, 21). “Não poderia haver declaração mais categórica que toda a diferença entre judeus e gentios foi deixada de lado no âmbito do seio da igreja cristã. Isso, no entanto, não é uma mera questão de asserção, trata-se da natureza real do evangelho. Nada é mais claro a partir dos ensinamentos das Escrituras que todos os crentes são um só corpo em Cristo, que são todos participantes do Espírito Santo, e que em virtude dessa união com Ele partilham juntos dos benefícios da Sua redenção; que se houvesse alguma diferença entre eles, não seria devido a uma distinção social ou nacional, mas simplesmente relativa ao caráter e devoção pessoais... Não há qualquer sugestão de que uma classe específica de cristãos, ou cristãos de alguma nação ou raça particular, são exaltados sobre os seus irmãos”.⁵⁸ “E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3.29).

⁵⁷ Allis, p. 71.

⁵⁸ Charles Hodge, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1989 [1871-73]), 3:810-11.

3. O Reino é expansível

Os pré-milenistas afirmam que a Grande Comissão dada à igreja (Mt 28.18) vai fracassar. As passagens que falam de uma paz e prosperidade mundiais devem se referir a um reino milenar futuro estabelecido com a segunda vinda. Assim, a visão pré-milenista é de um reino de sucesso instantâneo estabelecido na ocasião do retorno de Cristo. Jesus, no entanto, disse algo muito diferente daquilo que esperam os pré-milenistas. Ele ensinou que o reino começaria muito pequeno e então experimentaria um crescimento progressivo com o passar do tempo. Eventualmente esse reino crescerá na sua predominância no mundo *antes* da segunda vinda: “O Reino dos Céus é como um grão de mostarda que um homem plantou em seu campo. Embora seja a menor dentre todas as sementes, quando cresce torna-se a maior das hortaliças e se transforma numa árvore, de modo que as aves do céu vêm fazer os seus ninhos em seus ramos’. E contou-lhes ainda outra parábola: ‘O Reino dos Céus é como o fermento que uma mulher tomou e misturou com uma grande quantidade de farinha, e toda a massa ficou fermentada’” (Mt 13.31-33).

Na parábola do grão de mostarda Cristo discorreu sobre o grande sucesso do evangelho e do grande crescimento do Seu reino no mundo. “A figura é inequivocamente de *algo grandioso além das expectativas*: um minúsculo grão de mostarda dá origem a uma árvore.”⁵⁹ O reino inicia com alguns poucos discípulos na minúscula nação de Israel, mas cresce e cresce até ser a maior erva no jardim. “Nessa dupla [de parábolas] Cristo chama a atenção para algumas características do reino... seu início diminuto, seu crescimento gradual e seu imenso desenvolvimento. Ele vai envolver todas as pessoas e nações e vai penetrar e transformar plenamente suas vidas.”⁶⁰ Cristo ensinou que a evangelização fracassaria na história antes da Sua segunda vinda? Ensinou que o reino viria subitamente? Não. Ele prometeu crescimento contínuo até a vitória, no tempo e sobre a terra, antes da segunda vinda.

A parábola do fermento ensina que o evangelho se espalhará pelo mundo até que todo ele seja *plenamente* impregnado. O fermento toma a farinha até que fica *tudo* fermentado. “A parábola do fermento, portanto, faz um paralelo com o sentimento de gloriosa

⁵⁹ Gentry, p. 238.

⁶⁰ Alfred Plummer, *An Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew* (Grand Rapids: Baker, 1982 [1915]), p. 194.

expectativa pelo reino do céu das outras parábolas. O reino vai *impregnar tudo* (Mt 13.33). Vai operar para *um retorno centuplicado* (Mt 13.8). Vai crescer em *grande estatura* (Mt 13.31-32). Vai *dominar o campo/mundo* (tendo espalhado a semente de trigo no mundo, o mundo para o qual Cristo retorna será um campo de trigo e não um campo de joio, Mt 13.30).⁶¹ Haverá um desenvolvimento incrível do Cristianismo no mundo. “Cada cristão deve ser um missionário, passando adiante a misteriosa influência, pois não deve, tendo recebido, negar-se a dar. Isso implica que o cristão deve viver no mundo, pois o fermento não pode agir sem o contato. A vida humana precisa ser tocada em todos os aspectos, para que as suas obras e ações, sua religião e descanso, sua política e comércio, sua ciência e arte, possam crescer e ser aquecidos pela ação penetrante”⁶² da glória do evangelho de Cristo e do seu efeito santificador sobre homens, instituições e culturas.

Nessas parábolas Jesus estava contrabalançando as expectativas dos judeus em Sua época, a expectativa de um reino iminente, um reino terreno de glória e poder político judaico, um reino que viria “com contemplação”. Jesus disse que não, que o reino inicia sutil e imperceptivelmente pequeno, mas crescerá progressivamente por toda a terra até que todas as nações sejam discipuladas. Os pré-milenistas simplesmente tomaram a falsa expectativa de reino dos judeus e a transferiram para a segunda vinda de Cristo. Mas fazendo isso precisam dar satisfação acerca das parábolas do reino de Cristo, pois elas ensinam um crescimento mundial, progressivo, e vitória *anteriores* à segunda vinda.⁶³

⁶¹ Gentry, p. 239.

⁶² Plummer, pp. 194-95.

⁶³ A interpretação dispensacionalista da parábola do fermento é que o fermento representa o mal atuando ardilosamente na igreja, até que a igreja professante se corrompa totalmente. Ainda que seja verdade que às vezes o fermento é usado nas Escrituras para representar o mal (e.g., Mt 16.6), não é sempre usado dessa forma (cf. Lv 7.13; 23.7). Por exemplo, na celebração de Pentecostes, pães levedados foram oferecidos a Deus em gratidão à Sua provisão de pão diário. É exegeticamente ilegítimo tomar o significado ou o uso de uma palavra num contexto e insistir que deva ter sempre o mesmo significado, mesmo quando obviamente usada num sentido diferente. A interpretação dispensacionalista da parábola do fermento é confusa e absurda. “Como poderia Jesus, que revelou esse reino como tão desejável, ter dito ‘O reino dos céus é como o fermento’, se com isso quisesse dizer ‘O reino dos céus é como uma entidade má agindo sutilmente, que irremediavelmente acaba corrompendo os corações de todos aqueles que nele adentram’? Poderia Jesus ter usado as palavras ‘reino dos céus’ tão confusamente: por um lado, representando um reino abençoado dentro do qual todos desejariam entrar; por outro, uma caricatura ou imitação de tal reino, um reino de hipocrisia, falsidade e maldade, que todos deveriam procurar evitar? Poderia Ele ter feito isso sem envolver Seus ouvintes nessa total e inextricável confusão?” (Allis, pp. 86-87). Os dispensacionalistas argumentam que a parábola da semente de mostarda ensina que esta era é marcada por um “crescimento exterior anormal”. A erva transformando-se numa árvore significa que a pequena erva se tornou uma

Uma passagem que claramente identifica o período do milênio (entre as duas vindas) e a sua natureza é 1 Coríntios 15.20-28: “Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dentre aqueles que dormiram. Visto que a morte veio por meio de um só homem, também a ressurreição dos mortos veio por meio de um só homem. Pois da mesma forma como em Adão todos morrem, em Cristo todos serão vivificados. Mas cada um por sua vez: Cristo, o primeiro; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem. Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque ele ‘tudo sujeitou debaixo de seus pés’. Ora, quando se diz que ‘tudo’ lhe foi sujeito, fica claro que isso não inclui o próprio Deus, que tudo submeteu a Cristo. Quando, porém, tudo lhe estiver sujeito, então o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos”. Esta é certamente uma das passagens mais anti-pré-milenistas no Novo Testamento. Na descrição da ressurreição física dos crentes Paulo diz que há apenas uma ressurreição física, e ela ocorre na segunda vinda (v. 23). Os pré-milenistas precisam ter ao menos duas ressurreições físicas, uma na segunda vinda e outra no final do milênio (para os crentes que morreram durante o reinado terreno de Cristo de 1000 anos).

Paulo disse muito especificamente que quando Cristo retorna, “então virá o fim”; ele enfaticamente rejeita o conceito pré-milenista de um reino de Cristo de mil anos *após* a segunda vinda. Que Paulo tem em mente o fim do mundo pode ser inferido da analogia da Escritura e do contexto imediato. Os discípulos perguntaram a Jesus “Qual será o sinal da tua vinda e do *fim* dos tempos?” (Mt 24.3). Que “fim” realmente significa o *fim* é evidente pelo versículo 24 que ensina que após Cristo vencer todos os Seus inimigos, entregará o Reino a Deus, o Pai. “Conseqüentemente o fim não chegará e Cristo não elevará o reino ao Pai até que *Ele tenha anulado toda a sua oposição...* Note adicionalmente: o versículo 25 exige que ‘Ele deve [*dei*] reinar até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés’. Aqui o presente do infinitivo ‘reina’ aponta a continuidade do Seu reino. Já vimos antes... que *Ele está reinando no presente e tem sido assim desde a Sua ascensão.*

monstruosidade. “A parábola ensina que a esfera ampliada de profissão se tornou internamente corrupta. Essa é a marca desta era” (J. Dwight Pentecost, *Things to Come* [Grand Rapids: Zondervan, 1958], p. 147). Os dispensacionalistas envolvem a si mesmos em tais absurdos exegéticos, pois precisam tentar explicar as passagens que são diametralmente contrárias ao seu sistema global de interpretação.

Referências de outra parte à passagem do Salmo 110 especificamente mencionam a Sua estada à destra de Deus. *Sentar-se à destra confere governo e reinado ativos e não resignação passiva*. Ele é agora ativamente ‘o soberano dos reis da terra’ e ‘nos constituiu reis e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai...’ (Ap 1.5-6). Aqui em 1Co 15.25, lemos que é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. Até quando? A resposta é a mesma para o que já havia sido concluído: Seu reinado a partir do céu se estende até o *fim da história*.⁶⁴

Os pré-milenistas afirmam que o presente governo celestial de Cristo sobre a terra será um fracasso. De acordo com o pré-milenismo, a Grande Comissão de discipular todas as nações antes do retorno de Cristo nunca será consumada. A igreja de Jesus Cristo, plenamente capacitada pelo Espírito Santo para um reinado vitorioso, não terá êxito. Conseqüentemente Cristo, na Sua segunda vinda, subjugará as nações pelo uso da força – por intermédio do poder político, pela coerção. Mas Paulo diz “Pois é necessário ele reinar [tempo presente] até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés” (1Co 15.25). “A maioria dos comentaristas, em prol do contexto, entendem a passagem como se referindo a todos os poderes hostis, sejam demoníacos ou humanos. Eles *serão derrubados*, i.e., efetivamente subjogados; não aniquilados e não [todos] convertidos; simplesmente destituídos de toda a capacidade de perturbar a harmonia do seu reinado”.⁶⁵ O versículo 26 diz que “O último inimigo a ser destruído é a morte”. Segundo Paulo isso ocorre na segunda vinda de Cristo, quando todos os santos são elevados (v. 23). Mas se a morte é abolida com a segunda vinda de Cristo, como poderiam morrer todos aqueles que se supõem alcançarem conversão durante a tribulação e o milênio? E como poderia haver uma segunda ressurreição física de crentes no término do milênio se a morte foi abolida na segunda vinda? *Se a morte foi abolida na segunda vinda, como diz Paulo, o conceito pré-milenista de milênio é impossível.*

⁶⁴ Gentry, p. 247.

⁶⁵ Hodge, *I and II Corinthians*, pp. 330-31.



Profecias do Reino do Antigo Testamento

Após constatar que o pré-milenismo contradiz o ensino neotestamentário sobre a segunda vinda, a ressurreição geral e o tempo e natureza do reino, a pergunta pré-milenista óbvia é: “Mas e sobre as profecias do reino do Antigo Testamento – elas não se referem a um reino terreno davídico e judaico, governado pelo Messias?” Um dos pilares do dispensacionalismo é o axioma que as profecias do reino do Antigo Testamento devem ser interpretadas literalmente. Por sua vez elas podem somente ser atribuídas ao Israel étnico e não à igreja, pois Israel e a igreja devem ser tomados separadamente no plano de Deus. Ainda que a idéia de interpretar literalmente as profecias do reino do Antigo Testamento seja tentadora, há um número insuperável de problemas exegéticos e teológicos relacionados a uma interpretação literal.

1. O primeiro problema é que o Novo Testamento ensina que com a vinda de Cristo a distinção entre judeus e gentios foi removida. Cristo tem *um* corpo e não dois (1Co 10.17, 12.12). O muro de inimizade entre judeus e gentios foi removido (Ef 2.14). Deus criou em si mesmo, dos dois, *um* novo homem (Ef 2.15). Os gentios são concidadãos dos santos e membros com os judeus da família de Deus; Ele está edificando crentes judeus e gentios juntos em *um* templo (Ef 2.11-22). Após a ressurreição, ascensão e Pentecoste não há judeu nem grego, pois os cristãos são todos *um* em Cristo Jesus (Gl 3.28). Gentios que crêem em Cristo são considerados descendência de Abraão (Gl 3.29). O apóstolo Pedro tomou as características de Israel no Antigo Testamento e as aplicou diretamente à igreja: “Vocês são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus... Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus” (1Pe 2.9-10; cf. Ex 19.5-6). “A palavra *genos* [nação] denotando relação sanguínea é aplicada aos cristãos como membros de uma família através do novo

nascimento”.⁶⁶ Paulo chama a igreja de “o Israel de Deus” (Gl 6.16). Ele fala dos crentes “Nós é que somos a circuncisão” (Fp 3.3). Paulo diz que em Cristo de nada vale ser ou não circuncidado, o que importa é ser uma nova criação” (Gl 6.15). “Não é a descendência natural que faz de um homem um filho de Abraão”.⁶⁷ “Aqueles que são filhos da carne *não* são os filhos de Deus; mas os filhos da promessa é que são considerados descendência de Abraão” (Rm 9.8). As promessas a Israel não foram feitas pela perspectiva “da carne” mas de acordo com “o espírito”. No Antigo Testamento, Israel é a noiva de Jeová. Já no Novo Testamento a igreja é reiteradamente chamada de noiva de Cristo (Ap 18.23; 21.2, 9; 22.17). Cristo tem somente uma noiva – a igreja. Dizer que Deus tem dois povos distintos é implicitamente sugerir que Ele seja polígamo. Deus tem somente um povo: a igreja, “o Israel de Deus”. Quando o apóstolo Paulo debate sobre o Israel étnico não tem em vista bênçãos terrenas mas pretende esclarecer que as bênçãos espirituais prometidas a Israel podem ser obtidas somente por intermédio da fé, sendo a possessão comum de todos os crentes, tanto judeus como gentios. O desejo de Paulo para Israel não é que eles possam herdar a terra de Canaã, mas “que eles [os israelitas] sejam salvos” (Rm 10.1; cf. v. 9).

2. Se os crentes devem olhar adiante para um cumprimento literal das profecias que sugerem Cristo e os santos governando de Jerusalém, então por que o autor de Hebreus admoesta os judeus crentes que não têm nada que ver com a Jerusalém terrena? “Jesus sofreu fora das portas da cidade. Portanto, saiamos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou. Pois não temos aqui [na terra] nenhuma cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” (Hb 13.12-14). A Jerusalém terrena foi, assim, um modelo para a Jerusalém celestial e espiritual: “Mas vocês chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo. Chegaram aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião, à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus” (Hb 12.22-23). Pela fé Abraão ansiava “pela cidade que tem alicerces, cujo arquiteto e edificador é Deus” (Hb 11.10). A “Jerusalém está escravizada com os seus filhos. Mas a Jerusalém do alto é livre, e é a nossa mãe” (Gl 4.25-26). Paulo diz que “a nossa cidadania está nos céus” (Fp 3.20). O Novo Testamento deixa muito claro que a Jerusalém terrena onde Deus habitava era uma espécie de protótipo da igreja de Cristo. Deus habita na Sua igreja. O apóstolo João diz

⁶⁶ Charles Bigg, *The Epistles of St. Peter and St. Jude* (Edinburgh: T & T Clark, 1978), p. 134.

⁶⁷ Hodge, *Systematic Theology*, 3:810.

que a Nova Jerusalém é a igreja, a noiva de Cristo (Ap 21.2). A noção dispensacionalista de um governo literal e terreno de Jerusalém não pode ser encontrada no Novo Testamento; na verdade, os apóstolos ensinaram que os crentes, tanto judeus como gentios, não tinham nada que ver com uma Jerusalém terrena. Portanto, faz total sentido interpretar as profecias do reinado considerando Jerusalém como que buscando a sua plenitude na nova Jerusalém de Cristo – a igreja. Agindo assim estamos simplesmente deixando o Novo Testamento interpretar o Antigo.

Jesus disse à mulher de Samaria que Jerusalém perderia o seu significado especial como um lugar sagrado e central na adoração ao Pai: “Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém... Está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura” (Jo 4.21, 23). Jesus anunciou “que Jerusalém estava em vias de perder a sua natureza peculiar – que deixaria de ser, mesmo aos judeus, ‘a cidade das suas solenidades, para onde as tribos deveriam ir’ – na verdade não possuiria mais identidade distintamente religiosa que o monte de Samaria, local em que foi consultado pela mulher... Pela obra de Cristo esses locais são despojados para sempre da sua sacralidade cerimonial. ‘Salém’ e ‘Sião’ estão agora em qualquer lugar onde ‘o Pai é adorado em espírito e em verdade’. É essa grande mudança que, além de toda dúvida, o apóstolo intentou expressar, quando disse aos hebreus que estavam se prendendo à Jerusalém *local* e Sião *literal*, após o fim de toda a sua glória, ‘Mas vocês chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo’” (Hb 12.22).⁶⁸

3. O dispensacionalismo sustenta que as profecias do reino que falam de um templo reconstruído serão cumpridas literalmente: um dia o templo será reconstruído em Jerusalém. A dificuldade principal com essa visão é que os apóstolos empregaram as profecias relativas à reconstrução do templo *não* a um templo literal, mas à igreja. Paulo fala que Deus está construindo o templo *agora*: “Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. Nele vocês

⁶⁸ David Brown, *Christ's Second Coming: Will It Be Premillennial?* (Grand Rapids: Baker, 1876 [1983]), pp. 369-70 (maiúscula modificada).

também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus por seu Espírito” (Ef 2.19-22). Jesus Cristo é o verdadeiro templo (Jo 20.19, 21; Mc 14.58). Porque os cristãos são unidos a Cristo e porque Ele habita no meio do Seu povo, eles são o templo de Deus. Paulo fala “Pois somos santuário do Deus vivo. Como disse Deus: ‘Habitaréi com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo’” (2Co 6.16). Paulo toma uma passagem que os dispensacionalistas alegam muito se referir a um templo literal em Jerusalém (Ez 37.27) e aplicam-na à igreja cristã na sua era. “Assim, a noção profética da reconstrução do Templo (quando não fazendo referência ao Templo de Zerubabel) fala de Cristo e da construção da Sua igreja (Mt 16.18; cf. Zc 6.12-13). Ele é o alicerce e a pedra angular (1Co 3.11, 16-17; Ef 2.20). Como povo de Cristo, somos sacerdotes (Rm 15.16; 1Pe 2.5, 9; Ap 1.6) oferecendo-nos como *sacrifícios vivos* (Rm 12.1-2) e nosso serviço como *ofertas de aroma suave* (2Co 2.14-15; Fp 4.18; Hb 13.15-16; 1Pe 2.5). Portanto, ‘Nós temos um *altar* do qual não têm direito de comer os que ministram no tabernáculo’ (Hb 13.10). À medida que mais pessoas são convertidas pela Sua graça soberana, Seu Novo Templo do Pacto cresce pedra por pedra (Ef 2.21; 4.12, 16; 1Pe 2.5, 9). Como sábio construtor, Paulo labutou nesse Templo (1Co 3.9-17).”⁶⁹

A passagem da Escritura que claramente prova que as profecias do reino sobre o templo estão sendo cumpridas agora no crescimento da igreja de Cristo é Atos 15. Os apóstolos e os anciãos estão reunidos em Jerusalém debatendo a conversão dos gentios e o que fazer acerca da sua observância de certos aspectos da lei mosaica. Pedro discutiu a conversão dos gentios e o recebimento deles do Espírito Santo (vv. 7-8). Disse que Deus “não fez distinção alguma entre nós e eles” (v. 9). Paulo e Barnabé também relataram o que Deus fez entre os gentios (v. 12). Tiago falou e citou uma profecia do Antigo Testamento relacionada ao tabernáculo de Davi e a aplicou à reunião dos gentios dentro da igreja: “Simão nos expôs como Deus, no princípio, voltou-se para os gentios a fim de reunir dentre as nações um povo para o seu nome. *Concordam com isso as palavras dos profetas*, conforme está escrito: ‘Depois disso voltarei e reconstruirei a tenda caída de Davi. Reedificarei as suas ruínas, e a restaurarei, para que o restante dos homens busque o Senhor, e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas’” (vs. 14-17). Note que Tiago usou o plural “profetas”. Todos os profetas concordam que o tabernáculo de Davi está sendo reconstruído por Jesus Cristo o Senhor, e todas

⁶⁹ Gentry, p. 359 (cf. 1Co 3.16-17; 6.19; 2Co 6.16; Ef 2.19-20; 1Pe 2.5-9).

as nações gentílicas estão fluindo dentro do mesmo. “Davi conquistou as nações circundantes para obter toda a extensão da Terra Prometida. Para um passo infinitamente maior, o descendente de Davi, Jesus Cristo, governa sobre todas as nações da terra”. ⁷⁰ Tiago aplicou Amós 9.11-12 à presente era da igreja e não a um milênio futuro.

4. O maior argumento contra a idéia dispensacionalista que as profecias do reino devem ser tomadas literalmente é o fato que essas passagens, se tomadas literalmente, envolverão os judeus em atividades claramente negadas pelo Novo Testamento. “Se essas profecias predizem uma restauração literal, predizem então que o templo será reconstruído, o sacerdócio será restaurado, os sacrifícios serão novamente oferecidos e todo o ritual mosaico será observado em todos os seus detalhes. (Veja as profecias de Ezequiel do trigésimo sétimo capítulo em diante.) No entanto, sabemos pelo Novo Testamento que o cerimonial do Antigo Testamento foi finalmente abolido; não haverá um novo templo feito por mãos; não haverá um outro sacerdote, mas o maior sacerdote da nossa profissão de fé; e mais nenhum outro sacrifício que não aquele já oferecido na cruz. *É totalmente inconsistente com a natureza dos evangelhos que deverá haver uma inauguração renovada do Judaísmo no seio da Igreja Cristã*”. ⁷¹ Os dispensacionalistas estão cômicos de que o Novo Testamento aboliu a adoração no templo, o sistema sacrificial e a lei cerimonial. Assim, argumentam que o restabelecimento do serviço do templo ao longo do milênio é apenas memorial, os sacrifícios oferecidos não são para expiação, apenas em memória de Cristo. Mas tal argumento desconsidera o fato que Cristo já deu à igreja um memorial perpétuo como um substituto permanente ao sistema sacrificial: no Antigo Testamento as pessoas comeriam porções do cordeiro sacrificado, mas no Novo Pacto nos alimentamos de Cristo espiritualmente na Ceia do Senhor. A idéia que a igreja vai retornar ao que é inferior (Hb 9.11-15), sombra (Hb 10.1; 8.4-5), antiquado (Hb 8.13), simbólico (Hb 9.9) e ineficaz (Hb 10.4) durante o milênio é anti-bíblica e absurda.

Além disso, os dispensacionalistas precisam violar o seu próprio sistema de interpretação literal para sustentar a idéia de um sistema de sacrifício memorial. “Os sacrifícios ‘milenarios’ na profecia de Ezequiel 45 são expressamente mencionados para ‘fazer

⁷⁰ Simon J. Kistemaker, *New Testament Commentary: Acts* (Grand Rapids: Baker, 1990), p. 555.

⁷¹ Hodge, *Systematic Theology*, 3:808, ênfase adicionada.

propiciação' (Ez 45.15, 17, 20), usando o sentido do hebraico *kaphar* (como em Lv 6.30; 8.15; 16.6 ff.). No entanto... o que os literalistas, lendo 'fazer propiciação' iriam imaginar se fosse algo apenas 'memorial'? Onde está o literalismo consistente aqui? Alguns dispensacionalistas admitem que essa passagem 'não está conferindo um sentido literal', mas apenas 'usando os termos com os quais os judeus estavam familiarizados nos dias de Ezequiel'. Isso é conveniente, mas ilegítimo".⁷² Os dispensacionalistas criticam os pós-milenistas por não tomarem no sentido literal as profecias do reino, no entanto eles livremente espiritualizam passagens que não se encaixam dentro do seu paradigma escatológico. Se a porção de uma passagem não pode ser tomada literalmente porque contradiz a teologia do Novo Testamento, por que então isso não se aplicaria a toda a passagem? Por que não ser coerente?

5. Outro obstáculo exegeticamente intransponível para o pré-milenista é o fato que as profecias do reino não podem ser tomadas literalmente sem contradizer umas as outras. Algumas profecias declaram que os gentios não serão permitidos em Jerusalém e no templo: "Então vocês saberão que eu sou o Senhor, o seu Deus, que habito em Sião, o meu santo monte. *Jerusalém* será santa; e *estrangeiros* [i.e., não-judeus] jamais a conquistarão" (Jl 3.17). "A partir daquele dia, nunca mais haverá um *cananita* no templo do Senhor dos Exércitos" (Zc 14.21). "Assim diz o Soberano, o Senhor: 'Nenhum *estrangeiro* incircunciso no coração e *na carne* entrará no meu *santuário*, nem tampouco os *estrangeiros* que vivem entre os israelitas'" (Ez 44.9). No entanto outras profecias declaram claramente que todas as nações irão à Jerusalém ao templo santo de Deus ("a casa do Deus de Jacó"): "Nos últimos dias o monte do templo do Senhor será estabelecido como o principal; será elevado acima das colinas, e todas as nações correrão para ele. Virão *muitos povos* e dirão: 'Venham, subamos ao monte do Senhor, *ao templo do Deus de Jacó*, para que ele ensine os seus caminhos, e assim andemos em suas veredas'. Pois a lei sairá de Sião, *de Jerusalém* virá a palavra do Senhor" (Is 2.2-3). Se alguém defende que essas profecias do reino devem ser interpretadas literalmente, não há como harmonizá-las entre si. Tomadas literalmente, ensinam que todas as nações serão convertidas ao Judaísmo e fisicamente circuncidadas "para qualificá-las à entrada em Jerusalém e no templo do Senhor".⁷³ Essa interpretação iria contradizer o claro

⁷² Gentry, pp. 153-54, citando de *The New Scofield Reference Bible* (New York: Oxford, 1967), p. 888, nota 1 (em Ez 43.19).

⁷³ Brown, p. 366.

ensino do Novo Testamento que os gentios não precisam ser circuncidados e seguir a lei cerimonial (At 15.24; Gl 2.14; 4.9-11; 5.1-6, 11-14). Os pré-milenistas sabiamente recuam na defesa dessa proposição. Se interpretadas literalmente, essas profecias predizem uma conversão mundial dos gentios não ao Cristianismo, mas à religião judaica do Antigo Testamento.

Uma interpretação literal também leva a uma contradição espalhafatosa entre os profetas Isaías e Malaquias. Em Isaías (2.2-3, citado acima) todas as nações são previstas como indo ao templo em Jerusalém, mas em Malaquias a adoração do templo é representada como tomando lugar *em* todas as nações. “Pois do oriente ao ocidente, grande é o meu nome entre as nações. *Em toda parte* incenso é queimado e *ofertas puras* são trazidas ao meu nome, porque grande é o meu nome entre as nações’, diz o Senhor dos Exércitos” (Ml 1.11). Um profeta tem em vista todas as nações dirigindo-se ao templo em Jerusalém. Outro tem em vista o *templo* dirigindo-se a todas as nações. Se tomados literalmente, não fazem sentido. “Há alguém, exceto os *romanistas*, que tomam aqui ‘incenso’ e ‘ofertas puras’ *literalmente*? Não é o caso de todos concordarem aqui que a predição significa simplesmente que *adoração aceitável* ascenderá a Deus, não apenas em Jerusalém, mas em qualquer lugar, e não apenas pelos judeus, mas por todas as nações sem distinção, de um extremo ao outro do mundo? E como é que tudo converge para especificamente esse entendimento? Claramente que, pois à parte do fato que ‘incenso’ e ‘ofertas’, no sentido judaico, tendo dado lugar debaixo do evangelho a ‘sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo’, *não há outro tipo de adoração por intermédio da qual* podemos entender a predição”.⁷⁴

Os pré-milenistas não podem harmonizar essas profecias enquanto sustentarem a sua interpretação literal. Portanto (como visto acima), arbitrariamente tomam porções das profecias do reino no sentido literal e espiritualizam as seções que trazem problemas sérios ao seu sistema. Por exemplo, os sacrifícios expiatórios são assumidos como simplesmente memoriais ao passo que a conversão mundial dos gentios ao Judaísmo do Antigo Testamento é espiritualizada ou ignorada. O modelo de interpretação protestante padrão dessas passagens (até a ascensão do pré-milenismo no século dezenove) era que os profetas do Antigo Testamento estavam descrevendo a universalidade e a espiritualidade da adoração

⁷⁴ Ibid., p. 367.

evangélica por toda a terra, consolidada pelo sucesso do evangelho. Esses profetas estavam usando a linguagem do Antigo Testamento para descrever a vitória do reino do Novo Testamento. “É inegável que os antigos profetas, predizendo os eventos do período messiânico e o futuro do reino de Cristo, emprestaram sua linguagem e figuras dos costumes e práticas do Antigo Testamento. O Messias é freqüentemente chamado de Davi; sua igreja é chamada de Jerusalém e Sião; seu povo é chamado de Israel; Canaã era a terra da sua herança; a perda do favor de Deus foi representada pela perda dessa herança; e a restauração do Seu favor foi representada pelo retorno à terra prometida. Esse método é tão penetrante que a convicção produzida na mente dos cristãos é indelével. Para eles, Sião e Jerusalém constituem a igreja e não a cidade feita por mãos. Interpretar tudo aquilo que os antigos profetas disseram de Jerusalém como sendo a respeito de uma cidade terrena, e tudo aquilo dito de Israel como sendo a respeito da nação judaica, seria rebaixar o céu a terra e transformar o Cristianismo no Judaísmo corrupto da era apostólica”.⁷⁵

A interpretação pós-milenista das profecias do reino permite o Novo Testamento interpretar e detalhar essas profecias. As passagens mais claras são usadas para interpretar as menos claras. O caráter progressivo da revelação divina é reconhecido e respeitado. Muitas doutrinas reveladas, mas sombrias debaixo do Antigo Pacto, são mais extensivamente esclarecidas debaixo do Novo Pacto. O Novo Testamento ensina que essas profecias seriam cumpridas antes da segunda vinda e não posteriormente; essas profecias aplicam-se à igreja e não ao Israel étnico. O pré-milenista rejeita essa visão porque é forçado pelas suas próprias pressuposições a adequar as

⁷⁵ Hodge, *Systematic Theology*, 3:809. “Os profetas adequaram suas reflexões a modelos derivados da dispensação à qual pertenciam, i.e., à vida, constituição e história do seu próprio povo. Em vista desse fato, a questão que naturalmente emerge é se o modelo era fundamental, de modo que a profecia estaria destinada a se cumprir nos exatos termos em que foi articulada. Ainda que fosse natural no contexto das profecias relativas ao futuro próximo, não é de forma alguma auto-evidente que essa concretização deveria ser também nesses termos no caso das profecias que apontavam a uma dispensação futura. A suposição é que a despeito dos padrões de vida terem experimentado mudanças radicais, nada além da concretização da idéia central da profecia poderia ser esperado. De fato, o Novo Testamento claramente demonstra que um cumprimento literal não deveria ser aguardado em todos os casos... conseqüentemente, é duvidoso assumir que uma profecia não foi cumprida só porque seus detalhes mais explícitos não se evidenciaram. Cf. Isaías 11.10-16; Joel 3.18-21; Miquéias 5.5-8; Zacarias 12.11-14; Amós 9.11-12; Atos 15.15-17” (L. Berkhof, *Principles of Biblical Interpretation* [Grand Rapids: Baker, 1950], pp. 151-52). Os autores pré-milenistas admitem isso quando questionam guerras com aviões, tanques, helicópteros, armas nucleares etc. Como um profeta do Antigo Testamento descreveria a igreja de Cristo e sua expansão gloriosa de uma forma tal que fosse compreensível à sua audiência? Ele teria que usar uma terminologia com a qual os antigos judeus estivessem familiarizados.

porções claras e didáticas do Novo Testamento dentro de um literalismo simplista e inconsistente. O Antigo Testamento não é interpretado à luz do Novo Testamento, mas este é forçado dentro de uma concepção de Antigo Pacto terrena e tipológica do reino. Há muitas coisas difíceis de entender na Bíblia, “mas elas tornar-se-ão mais obscuras se, ao invés de explicar as coisas obscuras por meio das claras, *explicarmos as coisas claras por meio das obscuras, fazendo o Antigo Testamento o elemento-chave para o Novo*. É esse método anormal que reside na base de todas as expectativas *judaicas* dos cristãos; e até revertermos esse processo não estaremos livres do perigo ao qual Jerônimo aludiu, de *judaizarmos o nosso Cristianismo*, ao invés de cristianizarmos os aderentes do Judaísmo”.⁷⁶

Embora os pré-milenistas estejam errados quando aplicam as profecias do reino ao período *posterior* à segunda vinda de Cristo, estão corretos quando dizem que essas profecias devem ser cumpridas *antes* do estado eterno, “como, por exemplo, a predominância da ativa oposição ao reino (e.g., Sl 72.4, 9; Is 11.4, 13-15; Mq 4.3), nascimento e envelhecimento (e.g., Sl 22.30-31; Is 65.20; Zc 8.3-5), a conversão dos povos (Sl 72.27), morte (e.g., Sl 22.29; 72.14; Is 65.20), pecado (e.g., Is 65.20; Zc 14.17-19), sofrimento (e.g., Sl 22.29; 72.2, 13, 17) ... distinções e interações entre nações (e.g., Sl 72.10-11, 17; Is 2.2-4; Zc 14.16-17) ... [e] embora reduzida a proporções menores, haverá continuidade das pragas, a despeito da vitória (Is 65.25).”⁷⁷ Assim o pós-milenista crê que o sucesso global do evangelho na ocasião anterior à segunda vinda não resulta num período de *perfeição* onde todos são salvos, mas marca um período onde o Cristianismo *domina* nações e culturas. Esse período pode ser descrito como semi-dourado (não perfeito, não impecável), ainda que um período configurado por uma civilização cristã global.

⁷⁶ Brown, p. 373.

⁷⁷ Gentry, p. 208. Uma passagem que é destruidora da posição *amilenista* (que vê o cumprimento de muitas profecias do reino no estado eterno) é Is 65.20, 23: “Nunca mais haverá nela uma criança que viva poucos dias, e um idoso que não complete os seus anos de idade; quem morrer aos cem anos ainda será jovem, e quem não chegar aos cem será maldito... Não labutarão inutilmente, nem gerarão filhos para a infelicidade; pois serão um povo abençoado pelo Senhor, eles e os seus descendentes” No estado eterno as pessoas não morrerão, nem mulheres darão à luz.



O Reino do Messias

A figura profética do reino de Cristo é multifacetada. Algumas das profecias fazem menção ao início e desenvolvimento do reino (e.g., Dn 2.35 ff.; Is 9.6-7), ao passo que outras dão um vislumbre do reino no seu estado pleno (e.g., Is 11.9; Mq 4.1-4). Os profetas do Antigo Testamento predisseram que Cristo teria vitória na história. A vitória do reino de Cristo flui da Sua morte e ressurreição. “A redenção de Cristo é tão abrangente quanto o pecado, e mais poderosa. A ressurreição corporal de Cristo foi mais poderosa que a morte. Tais são os efeitos objetivos da Sua ressurreição na história.”

⁷⁸ Os pré-milenistas sustentam que a pregação do evangelho e o poder do Espírito Santo falham na salvação do mundo. Mas a Bíblia ensina o exato oposto. É verdade que há períodos de declínio, apostasia e resistência, mas o cenário total é de um crescimento até culminar na vitória. Cristãos que baseiam sua doutrina nas últimas manchetes ao invés de na Palavra de Deus são pessimistas e escapistas. “Para Deus todas as coisas são possíveis” (Mt 19.26). “Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito’, diz o Senhor dos Exércitos” (Zc 4.6). “Assim também ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não voltará para mim vazia, mas fará o que desejo e atingirá o propósito para o qual a enviei” (Is 55.11).

1. Conhecimento universal do verdadeiro Deus

Os profetas ensinam sobre um tempo quando trevas espirituais, falsas religiões, superstições pagãs e ignorância grosseira serão substituídas pela luz da verdade revelada: “Pois a terra se encherá do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar” (Is 11.9;

⁷⁸ Ibid., p. 209.

cf. Hc 2.14). Como as águas cobrem o fundo do mar? Todo canal, vale, planície, morro e montanha do fundo do mar é coberto; não há desertos no fundo do mar. Da mesma forma, o evangelho inundará o mundo. “As boas novas da redenção não constituíam meramente notícias locais para alguns povoados na Palestina, mas uma mensagem para o mundo; e o testemunho abundante e perene da Escritura é que o reino de Deus deve *preencher* a terra, ‘de um mar a outro, e do Eufrates até os confins da terra’ [Zc 9.10]” ⁷⁹ “Ninguém mais ensinará ao seu próximo nem ao seu irmão, dizendo: ‘Conheça ao Senhor’, porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior, diz o Senhor” (Jr 31.34).

2. Todas as nações adorarão Jeová

Deve haver, entre as nações, uma sincera aceitação da verdadeira religião e adoração espiritual evangélica entre todas as nações. “Pois do oriente ao ocidente, grande é o meu nome entre as nações. Em toda parte incenso é queimado e ofertas puras são trazidas ao meu nome, porque grande é o meu nome entre as nações”, diz o Senhor dos Exércitos” (Ml 1.11). “Todos os confins da terra se lembrarão e se voltarão para o Senhor, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele, pois do Senhor é o reino; ele governa as nações” (Sl 22.27-28). “Todas as nações que tu formaste virão e te adorarão, Senhor, e glorificarão o teu nome” (Sl 86.9). “Governe ele de mar a mar e desde o rio Eufrates até os confins da terra. Inclinem-se diante dele as tribos do deserto, e os seus inimigos lambam o pó. Que os reis de Tárzis e das regiões litorâneas lhe tragam tributo; os reis de Sabá e de Sebá lhe ofereçam presentes. Inclinem-se diante dele todos os reis, e sirvam-no todas as nações.” (Sl 72.8-11). O Salmo 72 é uma “magnífica descrição do reino do Messias, como virtuoso (vv. 1-7), universal (vv. 8-11), beneficente (vv. 12-14), perpétuo (vv. 15-17). Trata do benefício social (vv. 2-4, 12-14) e econômico do Seu reino (v. 16), bem como dos benefícios espirituais (vv. 5-7, 17). A imagem da chuva torrencial aqui reflete a presença espiritual de Cristo na Pessoa do Espírito Santo (Rm 8.9; Jo 14.16-18) sendo despejado de cima sobre o mundo (Is 32.15, 44.3; Ez 39.29; Jl 2.28-29; Zc 12.10; At 2.17-18).

⁷⁹ Boettner, p. 22.

Cristo está ‘em’ nós via Espírito Santo, que é despejado sobre nós desde o Pentecoste”.⁸⁰

3. A igreja sobressairá nos acontecimentos do mundo

Embora A Bíblia ensine a separação entre igreja e estado, *não* ensina a separação entre religião e estado. É para a igreja que Cristo deu a responsabilidade de expandir o reino e disciplinar todas as nações (Mt 28.18-20). Assim, os profetas, usando a terminologia do Antigo Testamento, representaram todas as nações fluindo para dentro da igreja a fim de receberem instrução e aprenderem a lei de Deus. “Nos últimos dias o monte do templo do Senhor será estabelecido como o principal; será elevado acima das colinas, e todas as nações correrão para ele. Virão muitos povos e dirão: ‘Venham, subamos ao monte do Senhor, ao templo do Deus de Jacó, para que ele nos ensine os seus caminhos, e assim andemos em suas veredas’. Pois a lei sairá de Sião, de Jerusalém virá a palavra do Senhor” (Is 2.2-3) “No livro de Hebreus, o Monte Sião, a montanha sagrada de Deus, é espiritualizada a fim de representar a igreja (12.22). Por essa razão, nessa profecia deve ficar patente que a igreja, tendo alcançado uma posição tal que desponta como uma montanha numa planície, será proeminente e normativa em todas as questões do mundo”.⁸¹

Mateus cita Isaías 42.1-4 (que fala do “meu servo” [o Messias] trazendo justiça aos gentios) e diz que isso está sendo cumprido. A profecia de Isaías começou a se cumprir na primeira vinda de Cristo e continua se cumprindo por intermédio da Sua igreja. No final da Grande Comissão Cristo disse, “E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28.20). “Eis o meu servo, a quem sustento, o meu escolhido, em quem tenho prazer. Porei nele o meu Espírito, e ele trará justiça às nações... Não quebrará o caniço rachado, e não apagará o pavio fumegante. Com fidelidade fará justiça; não mostrará fraqueza nem se deixará ferir, até que estabeleça a justiça

⁸⁰ Gentry, p. 199.

⁸¹ Boettner, p. 25. “Mas com retidão julgará os necessitados, com justiça tomará decisões em favor dos pobres. Com suas palavras, como se fossem um cajado, ferirá a terra; com o sopro de sua boca matará os ímpios” (Is 11.4). “Como se pela terra, a terra sobre a qual o pobre e o oprimido viviam, Ele a castigará. Ele está além desta terra, um ser supra-terreno, supra-eterno; e Ele pode fazer com essa terra o que Ele quiser. O sopro da sua boca, em si, é como um cajado com o qual Ele pode castigar e açoitar, ‘... e da sua boca saía uma espada afiada de dois gumes...’ (Ap 1.16b). O que sai da Sua boca é a Sua Palavra, e essa Palavra é um julgamento, uma Palavra punitiva” (Edward J. Young, *The Book of Isaiah* [Grand Rapids: Eerdmans, 1965], 1:385).

na terra. Em sua lei as ilhas porão sua esperança” (Is 42.1, 3-4). “Acima de tudo, levará a termo os meios para atingir o seu intento, isto é, *trará julgamento [ou justiça] sobre a terra*. Nesse contexto *terra* não é limitada à Palestina, mas refere-se a todo o mundo, e assim esclarece a universalidade da obra do servo. Além disso, o servo trará realmente julgamento sobre terra. Quando concluído o seu propósito, as marcas do julgamento serão vistas em toda a terra. A conversão dos pagãos não é o resultado de um ato pontual, escatológico, poderoso, mas do trabalho gradual e incansável do servo. Assim, pode ser igualmente dito que porquanto o servo trabalhe por intermédio dos seus servos, estes também estão incluídos na figura misteriosa da qual fala o capítulo.”⁸² As ilhas ou litorais aguardam a lei (ou doutrina) de Cristo. A obra do Messias continua por meio da Sua igreja e não é concluída até que o continente mais remoto receba o evangelho. Cristo está disciplinando as nações, e a Sua obra não termina até que todos os governos civis determinem as suas leis com base na Sua lei perfeita. A vitória do evangelho é tão certa que o Espírito Santo adiciona as palavras “à vitória a justiça” na citação que Mateus faz de Isaías (Mt 12.20).

4. Paz universal

Ainda que o reino de Cristo seja espiritual, terá muitos reflexos de cunho social na terra: “Ele julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças, foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra” (Is 2.4; cf. Mq 4.3). “Eles moldando suas espadas em arados e suas lanças em foices, é claramente uma linguagem figurada, uma representação adequada para os tempos em que essa profecia foi dada, mas a ser cumprido num futuro distante, em que as nações não gastariam a sua energia e recursos em guerras destrutivas.”⁸³

⁸² Young, *Isaiah*, 3:115. “Cristo foi assentado para convergir toda a terra debaixo da autoridade e obediência a Deus; disso resulta que sem ele tudo é confuso e distorcido. Antes de ter vindo ao nosso encontro, não havia um governo devidamente constituído; portanto precisamos aprender a nos submeter a Ele, se desejamos ser justa e favoravelmente governados” (John Calvin, *Commentary on Isaiah*, *loc. cit.*). Quando falamos de um sistema de governo e justiça baseado na lei de Cristo, não queremos nos referir a uma “eclesiocracia” ou um governo dominado pela igreja. Cristo tem “toda a autoridade nos céus e na terra”. O governo e as cortes civis são compelidos à obediência a Jesus Cristo a exemplo da igreja. Eles devem empregar a Palavra de Deus nas suas esferas particulares de autoridade; tal como à justiça civil.

⁸³ Boettner, p. 120.

Esse período de paz e prosperidade mundiais não é o resultado da segunda vinda de Cristo, mas conseqüência de todas as nações fluindo para dentro da igreja de Cristo (Is 2.2), aprendendo e aplicando a doutrina de Cristo em suas vidas (v. 3). A paz não é o resultado de ameaças físicas da parte de Cristo em Jerusalém, mas o resultado de corações regenerados que crêem no evangelho e obedecem a Cristo. O autocontrole flui de um coração regenerado. Quando a vasta maioria das pessoas sobre a terra tornar-se cristã, a guerra será apenas encontrada nos livros de história. “O lobo viverá com o cordeiro, o leopardo se deitará com o bode, o bezerro, o leão e o novilho gordo pastarão juntos; e uma criança os guiará. A vaca se alimentará com o urso, seus filhotes se deitarão juntos, e o leão comerá palha como o boi. A criancinha brincará perto do esconderijo da cobra, a criança colocará a mão no ninho da víbora. Ninguém fará nenhum mal, nem destruirá coisa alguma em todo o meu santo monte, pois a terra se encherá do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar” (Is 11.6-9). “Esses versículos [v. 6] e os três subseqüentes descrevem a pacificidade do reino do Messias... Criaturas selvagens e dóceis deverão conviver juntas, e o primeiro se tornará no último; o que não deve ser entendido literalmente acerca das criaturas selvagens, como se fossem perder a sua natureza... mas figurativamente a respeito do homem, comparável às criaturas selvagens, que por intermédio do poder da graça divina, em adição à palavra pregada, deve se tornar dócil, compassivo, brando e humilde.”⁸⁴ Isso virá como resultado já da *primeira* vinda de Cristo, pois Ele é o tronco de Jessé ungido pelo Espírito Santo (vv. 1-2).

5. Grande prosperidade

Uma passagem que demonstra que a expansão mundial do Cristianismo trará grandes benefícios econômicos e sociais é Isaías 65.17-25. Embora Isaías faça uso da terminologia para o novo céu e a nova terra, não pode estar se referindo ao estado eterno, pois descreve pessoas experienciando “nascimento, envelhecimento, morte, tempo, pecado e maldição.”⁸⁵ “Céu e terra são empregados como figuras para indicar uma completa renovação ou revolução no presente curso dos acontecimentos. Com o advento do Messias a

⁸⁴ John Gill, *An Exposition of the Old Testament* (Streamwood, IL: Primitive Baptist Library, 1979 [1810]), 5:71.

⁸⁵ Gentry, p. 363.

bênção a ser revelada será em todos os sentidos tão ampla que pode ser apenas descrita como a criação de um novo céu e uma nova terra.”⁸⁶ Isaías 65.17-25 diz,

“Pois vejam! Criarei novos céus e nova terra, e as coisas passadas não serão lembradas. Jamais virão à mente! Alegrem-se, porém, e regozijem-se para sempre no que vou criar, porque vou criar Jerusalém para regozijo, e seu povo para alegria. Por Jerusalém me regozijarei e em meu povo terei prazer; nunca mais se ouvirão nela voz de pranto e choro de tristeza. Nunca mais haverá nela uma criança que viva poucos dias, e um idoso que não complete os seus anos de idade; quem morrer aos cem anos ainda será jovem, e quem não chegar aos cem será maldito. Construirão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão do seu fruto. Já não construirão casas para outros ocuparem, nem plantarão para outros comerem. Pois o meu povo terá vida longa como as árvores; os meus escolhidos esbanjarão o fruto do seu trabalho. Não labutarão inutilmente, nem gerarão filhos para a infelicidade; pois serão um povo abençoado pelo Senhor, eles e os seus descendentes. Antes de clamarem, eu responderei; ainda não estarão falando, e eu os ouvirei. O lobo e o cordeiro comerão juntos, e o leão comerá feno, como o boi, mas o pó será a comida da serpente. Ninguém fará nem mal nem destruição em todo o meu santo monte’, diz o Senhor.”

O reino de Cristo e a divulgação do evangelho terão grande influência sobre o mundo. Haverá uma grande longevidade física (v. 20). Assim como os israelitas receberam por herança a prosperidade dos egípcios, os cristãos receberão por herança a tecnologia e a ciência dos pagãos. As pragas e maldições que acompanham uma sociedade em rebelião contra Cristo (e.g., aborto, corrupção nacional, imoralidade sexual etc) cessarão à medida que a comunidade cristã obtiver as bênçãos do pacto ao invés das maldições do pacto. Haverá grandes benefícios econômicos. “Os homens obterão os frutos dos seus labores. Deixarão uma herança à sua descendência.”⁸⁷ A ameaça dos crimes, guerras e doenças será tão minimizada que as pessoas se deleitarão por muitos anos com os

⁸⁶ Young, *Isaiah*, 3:514.

⁸⁷ Gary North, *Millennialism and Social Theory* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1990), p. 106.

frutos dos seus labores (vv. 21-23). “Não mais haverá perseguição à igreja de Cristo, o santo monte de Deus.” ⁸⁸

⁸⁸ Gill, 5:387.



A Questão da Interpretação

A principal questão que separa o pré-milenismo do pós-milenismo é de ordem interpretativa. Os pré-milenistas insistem que as profecias do reino do Antigo Testamento devem ser interpretadas literalmente e por sua vez aplicadas somente ao Israel étnico. Partindo dessa pressuposição o pré-milenista é forçado a ignorar e/ou torcer as muitas passagens do Novo Testamento que contradizem a sua posição. Por outro lado, os pós-milenistas sustentam que essas profecias podem somente ser compreendidas à luz da doutrina do Novo Testamento. Portanto o pós-milenista interpreta figurativamente muitas profecias do reino, não porque tenha uma preferência pela interpretação figurada, mas porque o Novo Testamento *requer* isso. Se os apóstolos aplicaram expressões do Antigo Pacto tais como templo, Monte Sião, a Nova Jerusalém e o Israel de Deus à igreja do Novo Pacto, não estamos justificados quando fazemos o mesmo?

A era messiânica predita pelos profetas teve início com a primeira vinda de Cristo. A era final da história designada como “os últimos dias” iniciou com a ascensão e glorificação de Cristo.⁸⁹ O Israel do Antigo Pacto abriu caminho à igreja do Novo Pacto – o novo e genuíno “Israel de Deus” (Gl 6.16). O reino estabelecido por Cristo está se expandindo progressivamente por toda a terra, através da evangelização de todas as nações pela igreja de Cristo. A pedra está se tornando uma montanha e enchendo toda a terra (Dn 2.35), o grão de mostarda está crescendo e se tornando uma grande árvore (Lc 13.19), e toda a terra sendo fermentada pelo evangelho (Lc 13.21). A igreja – que é a Nova Jerusalém, o Sião do Novo Pacto de

⁸⁹ A citação bíblica “os últimos dias” diz respeito à era messiânica. Os *apóstolos* viviam nos últimos dias. Pedro disse “... conhecido antes da criação do mundo, revelado *nestes últimos tempos* em favor de vocês” (1Pe 1.20). O autor de Hebreus disse que Deus “... *nestes últimos dias* falou-nos por meio do Filho” (Hb 1.2). Pedro citou Joel 2.28-32 e disse que essa profecia se referia a Cristo derramando o Espírito Santo no dia de Pentecostes: “*Nos últimos dias*, diz Deus ...” (At 2.17) Tiago, escrevendo aos cristãos do seu tempo, disse “Vocês acumularam bens *nestes últimos dias*” (Tg 5.3). Os pré-milenistas têm vindicado que a sua é a última geração desde 1830! Passados cinquenta anos, os livros de Hal Lindsey podem ser encontrados a preço de banana em livrarias de garagem.

Deus (Hb 12.22; Ap 21.2) – está sendo “elevado acima das colinas, e todas as nações correrão para ele” e aprenderão a Palavra de Deus (Is 2.2-3). Deus está mesmo agora reconstruindo o Seu templo glorioso, a igreja (Ef 2.21-22; At 15.14-18). Jesus Cristo mesmo agora vive e reina com o Seu povo através do Seu Espírito (1Co 3.16-17; Ap 20.4). O tempo está vindo quando mesmo todo o Israel (étnico) será salvo e enxertado na *única* oliveira cultivada de Deus – a Igreja do Novo Pacto (Rm 11.25-26). O plano de Deus de salvar todas as nações por meio de uma Semente (i.e., Jesus Cristo) não se tratou de um projeto posterior, mas um ponto central no pacto com Abraão.⁹⁰ As profecias do Antigo Testamento não foram dadas para permanecer isoladas. Elas são incompletas sem o Novo Testamento. Quando o Novo Testamento é ignorado, essas profecias são judaizadas. O que é trágico no pré-milenismo é que a gloriosa vitória mundial da cruz foi traduzida numa pesada derrota, e a igreja triunfante declarada como igreja impotente. “Em nenhum lugar do Novo Testamento há qualquer dúvida ou hesitação quanto à certeza da presença do reino que alguns anos antes foi anunciado como ‘às portas’. É implícito em todos os lugares que o reino do qual falam os Salmos e os Profetas foi designado por Deus para trazer à plenitude tudo aquilo incondicionalmente prometido ao patriarca Abraão, à nação de Israel e à Davi, o rei. Todas as subseqüentes promessas, predições e pactos foram designados por Deus para implementar – trazer para usufruto – tudo aquilo envolvido na antiga promessa a Abraão de uma benção de abrangência mundial à raça humana.”⁹¹

O pós-milenismo reconhece que os acontecimentos mais importantes na história humana foram a vida, a morte sacrificial e a ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Ele exalta a cruz e os seus efeitos sobre o mundo. Jesus Cristo derrotou o pecado e Satanás no Calvário. Ele levantou dos mortos e recebeu toda a autoridade no céu e sobre a terra (Mt 28.18). Cristo foi entronizado como rei à

⁹⁰ “Esteja certo de que o abençoarei e farei seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar. Sua descendência conquistará as cidades dos que lhe forem inimigos e, por meio dela, todos os povos da terra serão abençoados, porque você me obedeceu” (Gn 22.17-18). O apóstolo Paulo faz referência à promessa de Deus a Abraão em Rm 4.13. Ele não diz que Abraão seria herdeiro de *Canaã*, mas que “herdaria o mundo”. Para Paulo, *Canaã* foi apenas um símbolo. Os israelitas conquistaram *Canaã* com a espada física; a igreja de Cristo está conquistando o mundo com a espada espiritual: a Palavra de Deus. Abraão é informado de que seus descendentes conquistarão as portas dos inimigos. Jesus disse que as portas do Hades não prevalecerão contra a sua igreja (Mt 16.18). A igreja de Cristo deve ficar na ofensiva. Jesus mesmo prometeu que nada – nem mesmo Satanás – pode interromper o avanço da Sua igreja. A vitória está garantida.

⁹¹ Roderick Campbell, *Israel and the New Covenant* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1954), p. 193.

destra de Deus o Pai, e como um rei conquistador derramou o Espírito Santo sobre a igreja, dando-lhe poder para levar a termo a incumbência do domínio mundial (Jo 15.7; At 2.1-4, 33-36). Cristo está progressivamente subjugando Seus inimigos e não vai retornar até que todos os Seus eles sejam vencidos (1Co 15.25-26).

Antes da queda Deus ordenou a Adão que exercesse domínio sobre a terra (Gn 1.28). Adão e a sua descendência deveriam desenvolver uma civilização global religiosa. Mas ele pecou, e a raça humana caiu com ele. Deus não renunciou ao Seu plano de uma civilização global religiosa. Mas por causa do pecado, a dominação religiosa poderia somente ser efetuada por intermédio de um redentor – o segundo Adão. Jesus Cristo veio não apenas para salvar algumas poucas pessoas aqui e ali, mas para salvar o mundo todo, disciplinar todas as nações até a consolidação de uma cultura religiosa cristã. Uma vez que o pós-milenismo é da opinião que a Grande Comissão e o discipulado de todas as nações vão ocorrer na história antes da segunda vinda, é tanto otimista quanto perseverante. Evangelismo, estabelecimento de igrejas e discipulado são a chave para o crescimento do reino até a vitória. “O cristão deve lutar nas circunstâncias difíceis na expectativa de um desenvolvimento gradual do reino pleno de Cristo na história.”⁹² A vitória prometida pelos profetas, consumada definitivamente na cruz e assegurada pelo poder e presença do Espírito Santo deve nos incitar a pôr mãos à obra. “Portanto, meus amados irmãos, mantenham-se firmes, e que nada os abale. Sejam dedicados à obra do Senhor, pois vocês sabem que, no Senhor, o trabalho de vocês não será inútil” (1Co 15.58).

O pré-milenismo é a escatologia da derrota e da fuga. Ele ensina que a Grande Comissão vai fracassar e que o plano de Deus para uma civilização global religiosa não vai ocorrer na história. A ênfase entre os pré-milenistas está no testemunho pessoal, acolhimento e construção de impérios para pastores (e.g., Jimmy Swaggart, Jim e Tammy Bakker, etc). A postura na sociedade é “não lustre o latão de um navio à deriva”. Há uma negligência proposital às questões culturais, sociais, artísticas, econômicas e políticas.⁹³ “O

⁹² Gentry, p. 534.

⁹³ Desde 1980 tem havido um crescimento visível de pré-milenistas envolvendo-se nas esferas cultural, social e política. O crescimento é basicamente resultado de dois fatores: Primeiro, as coisas têm ficado tão ruins na América, culturalmente (homossexualidade, pornografia, violência, adultério, fornicação etc), socialmente (crime, aborto, drogas etc) e politicamente (estadismo, taxas confiscatórias, políticas más etc), que mesmo muitos pré-milenistas não poderiam se manter à margem da situação (só a questão do aborto já foi em si um catalisador para milhares de crentes). Segundo, alguns pré-milenistas muito influentes têm sido

amilenismo e o pré-milenismo estão em retirada do mundo e da sua capitulação blasfema ao demônio. Com base nas premissas, que ou o mundo ficará cada vez pior (amilenismo) ou que a esperança cristã se deposita no arrebatamento (pré-milenismo), corta-se o nervo do ativismo cristão. Quem, lendo a recente obra de Hal Lindsey, *The Terminal Generation*, vai embarcar numa tal aventura religiosa, a exemplo de uma escola cristã, trabalhando para atingir metas políticas cristãs, mandamento bíblico e assim por diante? Se sustentarmos que o mundo pode apenas piorar, ou que seremos em breve arrebatados para fora disso tudo, que tipo de motivação resta para considerar a palavra de Deus no trato dos problemas do mundo? O resultado é inevitavelmente um só: crentes pré-milenistas e amilenistas que professam fé em toda a palavra de Deus representam numa estimativa *conservadora* vinte e cinco por cento da população americana. Representam também a camada mais importante da sociedade americana, com o menor impacto sobre a vida americana.”⁹⁴ O pré-milenismo deve ser rejeitado porque considera a vitória de Cristo um pesado fracasso na história, encoraja uma fuga das nossas responsabilidades do reino, e não é bíblico. “Qualquer teoria que menospreza de tal forma o evangelho da graça de Deus deve ser falsa.”⁹⁵ “As Escrituras não somente não ensinam o sistema pré-milenista como definitivamente o excluem como uma interpretação possível.”⁹⁶

persuadidos pelas obras de R. J. Rushdoony e Gary North (e.g., Pat Robertson). Esse envolvimento é ainda muito tímido (apesar de tudo, existem cerca de 55 milhões de evangélicos), e é totalmente inconsistente com as pressuposições pré-milenistas. Se o arrebatamento está apenas a alguns anos à frente (como crê a vasta maioria dos crentes evangélicos), então qual é o sentido de construir escolas, clínicas, universidades e organismos políticos? Por que alguém deveria mesmo se preocupar em comprar uma casa, ter uma grande família e trabalhar a fim de assegurar uma herança à geração seguinte, se não *há* uma geração seguinte? A ampla maioria dos pré-milenistas está ainda à margem, assistindo a nossa sociedade descer fundo pelo ralo no atoleiro do pecado e da apostasia. A escatologia do pessimismo, da derrota e da fuga tem se tornado, em larga medida, uma profecia auto-cumprida.

⁹⁴ R. J. Rushdoony, “Postmillennialism Verses Impotent Religion,” *Journal of Christian Reconstruction*, 3:126-27.

⁹⁵ Hodge, *Systematic Theology*, 3:865.

⁹⁶ Boettner, p. 375.



Objecções

Algumas objeções têm sido levantadas contra o pós-milenismo; a seguir, algumas delas:

1. *Se o pós-milenismo é verdadeiro, então por que o século vinte testemunhou um grande declínio moral e espiritual?* Embora os pós-milenistas creiam no avanço do evangelho ao longo do período entre-adventos, isso não significa que não existiriam fases de apostasia e declínio durante o período. Se alguém examina o crescimento do Cristianismo, da sua ascensão até o presente dia, o progresso do evangelho é surpreendente. Quando o apóstolo Paulo morreu em 68 d.C. a maior parte da Europa estava imersa em trevas espirituais. Muitas religiões européias praticavam o sacrifício humano e o misticismo. O evangelho é responsável por um incrível progresso espiritual, ético, econômico e político em muitas partes do mundo. Mesmo ao longo das últimas centenas de anos de declínio espiritual no ocidente, o evangelho fez avanços surpreendentes na Coreia do Sul, regiões da África, regiões da América Latina e do Sul, e mesmo agora em regiões daquilo que antes constituía a União Soviética. Ninguém deve cometer o erro de julgar longos períodos de tempo com base somente numa pequena parte dele. A Europa sofria um declínio espiritual no final do décimo quinto e início do décimo sexto século, e então no intervalo de algumas poucas gerações mais da metade da Europa era convertida a Cristo (a Reforma expandida na Alemanha, França, Inglaterra, Escócia, Países Baixos, Suíça etc). “O debate escatológico deve ser feito sobre a base das análises bíblicas e não nos termos de uma exegese de folhetim. Argumentos-atalhos da experiência podem ter peso entre aqueles não-teologicamente inclinados, mas não devem ter influência sobre um argumento teológico tendo em vista as observações acima. Abraão era velho e sem filhos quando o Senhor lhe prometeu uma descendência inumerável (Gn 15.5). Ele mesmo morreu tendo somente um filho legítimo. No entanto creu que Deus cumpriria a Sua palavra.” ⁹⁷ A Escritura deve ser interpretada pela

⁹⁷ Gentry, pp. 433-34.

Escritura, não pelo *The New York Times*. Julgar as promessas divinas nos termos dos últimos noticiários é colocar um padrão humano, falível e mutável acima da Palavra de Deus.

2. *O pós-milenismo não levaria à fusão entre igreja e estado?* Não. Os pós-milenistas defendem a separação entre igreja e estado. Cristo é o cabeça *tanto* da igreja como do estado. A igreja é responsável pela obediência a Cristo dentro da sua esfera de autoridade ordenada por Deus, e o estado é responsável pela obediência a Cristo dentro da sua esfera de autoridade concedida por Deus (justiça civil e defesa nacional). A igreja recebe suas ordenanças da Bíblia, e o estado deve definir as suas leis debaixo da lei moral imutável de Deus. Cristo recebeu toda a autoridade nos céus e *na terra* (Mt 28.18). Argumentar que o estado não é ordenado a aplicar a Palavra de Deus às suas esferas de autoridade é conceder ao estado um poder tirânico ilimitado. O estado não deve interferir nos assuntos da igreja, e a igreja não deve interferir nos assuntos de estado; no entanto, ambos devem ter Cristo em vista e obedecer a Sua Palavra, pois Ele é o rei e o Senhor de tudo.

3. *Cristo não precisa estar fisicamente presente na terra como rei para que o seu reinado seja algo concreto?* Não. Essa objeção pressupõe que Cristo veio estabelecer um reino físico e político. Como explicado acima, a Bíblia ensina que Cristo veio estabelecer um reino espiritual. A Palavra de Deus declara que Cristo é o rei exaltado e glorificado que governa dos céus. Ele está espiritualmente presente na Sua igreja (2Co 13.5; Cl 1.27), e as bênçãos espirituais que fluem da Sua exaltação são mesmo mais proveitosas à igreja do que a Sua presença física. O Pentecostes foi o resultado do Rei derramando o Espírito Santo sobre a Sua igreja. A igreja tem mais poder *após* a ascensão do que tinha antes. Se a presença física de Cristo fosse crucial ao reino, teria Jesus dito aos seus apóstolos “Mas eu lhes afirmo que *é para o bem de vocês* que eu vou. Se eu não for, o Conselheiro não virá para vocês; mas se eu for, eu o enviarei. Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.7-8)?

4. *Se o mundo todo é convertido a Cristo, como pode haver uma rebelião final na consumação do milênio?* A Bíblia ensina que haverá uma rebelião satânica no final do milênio (Ap 20.7-9). A Satanás será permitido por um breve período (“um pouco de tempo” Ap 20.3) enganar novamente as nações. Não nos é dada a razão para Deus permitir essa rebelião final. Essa rebelião final não é um

problema para o pós-milenista, pois ele não acredita que qualquer pessoa viva será salva. “A profecia de Ezequiel sobre o Rio da Vida sugere que algumas áreas remotas da terra – os ‘charcos’ e os ‘pântanos’ – não serão saneados, mas serão ‘deixados para o sal’, permanecendo não-reavivados pelas águas da vida (Ez 47.11). Para mudar a ilustração: embora o ‘trigo’ cristão venha a ser dominante na cultura mundial, tanto o trigo quanto o joio crescerão juntos até a ocasião da colheita, a consumação dos tempos (Mt 13.37-43). A essa altura, como os dois grupos em potencial chegam à maturidade, à medida que cada lado torna-se plenamente constrangido na sua determinação em obedecer ou rebelar-se, haverá um conflito final. O Dragão será solto por um breve momento, a fim de enganar as nações na sua ânsia derradeira de subverter o reino”.⁹⁸ O “um pouco de tempo” de Ap 20.3 não é uma citação exata. Talvez uma nova geração que não compartilhe a fé dos pais acabe entrando em cena. Como uma rebelião tal poderia ocorrer após um longo período de influência cristã é exemplificado lembrando-se do que ocorreu na Nova Inglaterra puritana (e.g., Unitarianismo).

5. *Jesus não disse que a porta que leva à vida é estreita, e que “são poucos os que a encontram” (Mt 7.14)?* Esse versículo parece contradizer a declaração pós-milenista que supostamente será salva

⁹⁸ Chilton, p. 519. A interpretação pré-milenista de Ap 20.7-9 apresenta sérios problemas em si mesma (como notado acima). Jesus Cristo, que pôde sofrer humilhação *uma só vez*, é novamente submetido a ela. Há o absurdo de exércitos pagãos atacando Cristo e os santos com projéteis e bombas, a despeito deles terem corpos imortais e glorificados e assim não poderem ser feridos ou mortos. Além disso, o Novo Testamento ensina que Jesus Cristo *não* está na terra quando cai fogo do céu para salvar os santos, mas que Ele *retorna* em chamas flamejantes. Chilton ressalta o abuso pré-milenista dos termos “Gogue e Magogue”: “Aqueles que interpretam a guerra de ‘Gogue e Magogue’ como um conflito final envolvendo a União Soviética, usualmente se vangloriam por serem ‘literalistas’. No entanto devemos levar em consideração o que está implicado numa interpretação estritamente literal de Ezequiel 38-39: 1. A razão para Gogue invadir Israel é a de saquear a sua prata e ouro, e *tomar o seu rebanho* (38.11-13); contrariando muitas exposições pré-milenistas, nada é dito sobre a expropriação do petróleo de Israel ou da extração de minerais do Mar Morto. 2. *Todos* os soldados de Gogue estão montados em cavalos (38.15); não há soldados em caminhões, jipes, tanques, helicópteros ou jatos. 3. *Todos* os soldados de Gogue estão carregando espadas, escudos e capacetes (38.4-5); suas outras armas são arcos e flechas de *madeira*, porretes e lanças (39.3, 9). Ao invés de lenha (aparentemente não é considerado nem mesmo o uso de gás, eletricidade ou energia solar), os israelitas vitoriosos usarão como combustível as armas de madeira de Gogue, por sete anos (39.9-10)... A expressão Gogue e Magogue não se refere e nunca se referiu à Rússia. Isso é totalmente fruto da imaginação, repetido tantas e tantas vezes que muitos simplesmente aceitaram isso como verdade. Razões aparentes para essa interpretação foram baseadas numa leitura esquisita de Ezequiel 38.3, que fala de ‘Gogue, príncipe maior de Meseque e de Tubal’. O termo *príncipe* representa, em hebraico, *rosh*; assim, alguns têm traduzido o texto como ‘Gogue, o príncipe de Rosh’. *Rosh* soa algo como *Rússia* [N.T. pronunciando no inglês]; portanto Gogue é o príncipe (ou premiê) da Rússia. Infelizmente para essa interpretação engenhosa, *rosh* significa simplesmente *cabeça*, e é usado mais de 600 vezes no Antigo Testamento – nunca significando Rússia” (ibid., pp. 521-22).

a vasta maioria da humanidade. Mas a Bíblia não diz também que os redimidos constituirão uma grande *multidão* (Ap 7.9)? Jesus não disse alguns versículos depois que *muitos* sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos céus (Mt 8.11)? A Bíblia não pode se contradizer. Como deve Mateus 7.13-14 ser interpretado à luz das muitas passagens que falam de uma vitória global do reino de Cristo? Primeiro, tenha em mente que Cristo não estava fazendo uma declaração profética acerca do futuro, mas simplesmente descrevendo a situação presente. Com a declaração, estava incitando os discípulos a agir, e não predizendo o futuro. “Eles deveriam olhar ao seu redor e perceber que muitas almas estavam sucumbindo, porquanto poucos homens procuravam a retidão e a salvação. O que fariam diante dessa situação lamentável? Amariam a Ele o suficiente para tentar reverter esse quadro? O desafio lançado a eles era ético”.⁹⁹ Essa interpretação é amparada por Lucas 13.23, onde Cristo levanta a mesma questão e focaliza a Sua atenção não no número dos salvos, mas sobre a importância e a urgência deles alcançarem a salvação desde já.

6. *Lucas 18.8 não diz que na ocasião do Seu retorno, Cristo não encontrará fé na terra?* Na parábola da viúva persistente Jesus disse “Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?” Muitos pré-milenistas assumem que a pergunta dá margem a uma resposta negativa – que Cristo retornará a um mundo apóstata, descrente. Em resposta devemos notar que o contexto diz que Cristo refere-se provavelmente à *fé daquele que é perseverante na oração* e não à fé cristã de modo geral (cf. vv. 1-8). Além disso, se o ponto de vista pré-milenista fosse plausível, estaria sugerindo que no retorno de Cristo *não* seria encontrado *um só* cristão. Nem mesmo os pré-milenistas crêem nessa possibilidade, pois a Bíblia ensina que no retorno de Cristo haverá muitos cristãos. A pergunta de Cristo admite uma resposta negativa? Não, a gramática grega dá margem a uma resposta ambígua.¹⁰⁰ Por quê? Porque Cristo estava fazendo uma pergunta no contexto do Seu ensino sobre a oração persistente a fim de motivar os Seus discípulos a orarem como a viúva persistente. Após a Sua ascensão, os apóstolos sofreriam perseguição e sérios perigos; portanto, precisavam perseverar na

⁹⁹ Gentry, p. 475.

¹⁰⁰ “De fato, a pergunta não ‘assume’ uma resposta negativa em absoluto. Não é uma pergunta retórica. A gramática grega clássica Funk-Blass-Debrunner nota que quando é usada uma partícula interrogativa, como em Lucas 18.8, ‘ou é usada para sugerir uma resposta afirmativa, *me* (*meti*) é usada para sugerir uma resposta negativa...’ Mas nenhuma dessas partículas ocorre no nosso exemplo, assim é implicada à questão uma resposta ‘ambígua’, pois o termo grego aqui usado (*ara*) sugere apenas ‘ansiedade ou impaciência’” (Gentry, p. 481).

oração. “Assim, fica patente que essa passagem é extremamente mal-compreendida quando lançada contra o pós-milenismo. O seu *padrão* é mal-interpretado. O ensino do Senhor relativo à oração fervorosa é alterado para algo como um alerta sobre a existência da fé cristã no futuro.” ¹⁰¹

7. *Cristo não prometeu aos doze apóstolos que eles sentariam em onze tronos e julgariam as doze tribos de Israel?* O pré-milenista interpreta Lucas 22.29-30 e Mateus 19.28 literalmente. Ele crê que essas passagens ensinam que os doze apóstolos sentar-se-ão em tronos e, como líderes políticos, governarão o mundo ao longo do milênio. O pós-milenista crê que essas passagens referem-se ao governo espiritual dos apóstolos como embaixadores de Cristo. Há muitas razões para que a interpretação pré-milenista seja rejeitada. Primeiro, já percebemos que o conceito de um reino judaizado, terreno e político é totalmente contrário à natureza espiritual do reino como ensinado por Cristo e os apóstolos. Segundo, Jesus ensinou que o reino era uma realidade espiritual presente e não um reino terreno futuro. Terceiro, na passagem de Lucas 22.29-30, Jesus usou o tempo *presente* e não o futuro. “E eu lhes *designo* um Reino, assim como meu Pai o designou a mim’ (Lc 22.29). O grego de ‘designo’ é *diatithemai*, que é um presente indicativo e que sinaliza um desígnio presente.... Aqui, Cristo o Rei informa que está presentemente *designando* uma autoridade formal sobre os Seus apóstolos; eles são os Seus embaixadores (2Co 5.20) que reinam com Ele (Rm 5.17, 21).” ¹⁰² Além disso, essa passagem não pode ser tomada no sentido literal, pois as doze tribos foram levadas pelos assírios em 722 A.C., sendo completamente desintegradas e depois agregadas aos gentios. Portanto, a única forma que os apóstolos poderiam julgar as doze tribos seria julgando os gentios e os judeus, que é precisamente o que Cristo os instruiu a fazer (cf. Mt 28.18-20). “Acredito, com Calvino, que a regeneração tem relação com a dispensação do Evangelho. Tem relação com a nova ordem das coisas que iniciaram com o advento de Cristo. A regeneração é outra expressão para o reino de Deus.” ¹⁰³

¹⁰¹ Ibid., p. 482.

¹⁰² Ibid., pp. 484-85.

¹⁰³ Kik, *An Eschatology of Victory*, p. 215.



Falácias Escatológicas Comuns

Existe certo número de falácias escatológicas comuns sustentadas pelos pré-milenistas e amilenistas. As mais comuns dizem respeito ao anticristo, à besta e à marca da besta.

1. O anticristo

A maior parte dos cristãos de hoje diz que o anticristo já nasceu e que está às portas de tornar-se conhecido no cenário mundial como um brilhante, mas perverso líder mundial. Embora o anticristo seja talvez a figura mais popular no corrente cenário profético, é também o mais mal-compreendido. O problema é que os autores pré-milenistas concentram as suas atenções no pequeno chifre de Daniel, no homem de pecado de Paulo e na besta do Apocalipse, mas ignoram as passagens da Escritura que realmente falam do anticristo. Há somente quatro versículos da Escritura que expressamente mencionam “anticristo”, todos nas cartas de João. (1Jo 2.18, 22; 4.3; 2Jo 7). João corrige a falsa noção de anticristo que apareceu entre os cristãos em seu tempo; declara que o anticristo não é uma realidade de um futuro distante, mas da *presente realidade*. Em segundo lugar, ele diz que o anticristo não é simplesmente uma pessoa, mas um grupo amplo de pessoas. Terceiro, ele define o anticristo não como uma pessoa (um futuro líder mundial), mas como um movimento em curso: “Filhinhos, esta é a última hora e, assim como vocês ouviram que o anticristo está vindo, *já agora* muitos anticristos têm surgido. Por isso sabemos que esta é a última hora” (1Jo 2.18). Muitos cristãos do tempo de João tinham ouvido que o anticristo (singular) estava vindo. João respondeu-lhes dizendo que *já agora* muitos anticristos (plural) têm surgido. O verbo “surgido” ou “aparecido” (*gegonasin*) indica que esses anticristos apareceram no passado e que ainda estão presentes. A presença desses anticristos prova que “esta é (tempo presente) a última hora” (2.18). Assim, é evidente que João (que escreveu o livro de Apocalipse) rejeitou a idéia de um anticristo

futuro e individual; ao invés disso, alertou os cristãos acerca de um movimento (ou movimentos) heréticos. Há *muitos* anticristos. “De fato, *muitos* enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo. Tal é o enganador e o anticristo” (2Jo 7). “Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo: aquele que nega o Pai e o Filho” (1Jo 2.22). “‘Esses anticristos que têm surgido’, diz João, ‘saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos’. Em outras palavras, eles se elevaram à posição de cristãos, alegaram ser cristãos, professaram ser líderes da Palavra na Igreja Cristã, e, no entanto, foram separados dos cristãos para que ficasse evidente a todos que não eram deles. Em suma, demonstravam um deleite na verdadeira religião e não obstante a destruíam.”¹⁰⁴ João focaliza a atenção dos seus leitores sobre um, ou talvez dois, movimentos heréticos. O primeiro, provavelmente gnóstico na sua origem, negou a humanidade genuína de Jesus Cristo (2Jo 7). O segundo, provavelmente judaico na sua origem, negou que Jesus tenha sido o Messias (1Jo 2.22). “João claramente aplica a concepção de anticristo (*ho antichristos*) à tendência generalizada de se propalar inverdades sobre a identidade de Cristo.”¹⁰⁵ “Mas todo espírito que não confessa Jesus [como vindo em carne] não procede de Deus. Esse é o espírito do anticristo, acerca do qual vocês ouviram que está vindo, e *agora já* está no mundo” (1Jo 4.3). “O anticristo não é um governador individual, malévolo, aparecendo no futuro. Antes, *o anticristo foi uma tendência herética contemporânea* acerca da identidade de Cristo, influente entre muitas pessoas dos dias de João.”¹⁰⁶

2. A besta

Outra figura bíblica muito mal-compreendida é a besta do Apocalipse. Ao menos a besta, ao contrário do anticristo, é um líder político real. O problema da maior parte das interpretações modernas que buscam definir a besta é que muitas referências textuais para essa definição fornecidas por João são ignoradas porque isso convém à idéia de um futuro império Romano revitalizado.

¹⁰⁴ Martyn Lloyd-Jones, *Walking with God: Studies in I John* (Wheaton, IL: Crossway, 1993), p. 100.

¹⁰⁵ Gentry, p. 373.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 374.

No livro de Apocalipse a besta é identificada tanto como um império como um líder de um império. Esse império é sem dúvida o império Romano dos dias de João. Em Apocalipse 13 João está sentado na areia da praia observando a besta subindo dos mares. A besta tem “dez chifres e sete cabeças, com dez coroas, uma sobre cada chifre, e em cada cabeça um nome de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a um leopardo, mas tinha pés como os de urso e boca como a de leão. O dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade” (Ap 13.1-2). João cita exatamente os mesmos animais aludidos pelo profeta Daniel na referência a três dos quatro grandes impérios mundiais: Babilônico, Medo-Persa e Grego (Dn 7.1-6). O quarto império, que traz todas as características inerentes à besta dos outros impérios (só que muito piores), é nenhum outro senão o império Romano (Dn 7.7). João declara em Apocalipse 17.12 que os dez chifres são dez reis; são os líderes ou governantes das dez províncias imperiais. Em Apocalipse 17.9-10, João identifica as sete cabeças como sete colinas (lugares) e sete reis (indivíduos). No mundo antigo Roma era conhecida como a cidade das sete colinas. João, situado na extremidade do mar Mediterrâneo, olha em direção a Roma e vê uma besta surgindo do mar. Roma foi um império mundial que detinha autoridade sobre todos os povos e nações (Ap 13.7); constituía o auge dos quatro impérios em Daniel, um império completamente satânico (v. 2); e que existiu sobre sete colinas (v. 9). A seguir estão algumas outras características da besta.

1. A besta não foi apenas um império, mas também um *homem* (Ap 13.18). João diz que a besta tinha em cada cabeça um nome de blasfêmia (v. 1). Os cézares de Roma eram adorados como deuses. Os imperadores de Roma foram designados como: *Sebastos* (alguém a ser adorado), *divus* (deus) e mesmo *Deus* e *Theos* (Deus).¹⁰⁷ As moedas de Nero traziam “Salvador do mundo”, e Domiciano era chamado “nosso Senhor e nosso Deus”. João deu traços específicos que identificavam a besta, todos os quais não apontavam a alguém a mais de 2000 anos no futuro, mas a um imperador ainda vivo nos seus dias: Nero. Apocalipse 17.10 diz “São também sete reis. Cinco já caíram, um ainda existe, e o outro ainda não surgiu; mas, quando surgir, deverá permanecer durante pouco tempo”. João especificamente diz que o sexto rei estava governando no presente. Quem é o sexto rei? Ninguém outro senão Nero, o primeiro grande perseguidor de cristãos. A seguir, uma lista dos cézares romanos: 1. Julius (49-44 B.C.), 2. Augustus (31 B.C.-A.D. 14), 3. Tiberius (A.D. 14-37), 4. Gaius (Caligula, A.D. 37-41), 5.

¹⁰⁷ Chilton, p. 328.

Claudius (A.D. 41-54), 6. Nero (A.D. 54-68), 7. Galba (A.D. 68). João disse que o sexto rei estava governando quando ele escreveu; esse rei seria sucedido por um sétimo que governaria “durante pouco tempo” (Ap 17.10). Isso foi cumprido à risca: Nero foi sucedido por Galba, que governou por apenas três meses até ser assassinado.

2. João dá outro indicador da besta: um número. “Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis” (Ap 13.18). Por que João simplesmente não diz quem é a besta? Por que ele fala em linguagem secreta? João estava escrevendo de Patmos, onde foi exilado pelos romanos. A igreja sofria uma perseguição sistemática pelo estado romano sob Nero. João identifica o imperador romano, mas o faz de uma forma que preserve a igreja das represálias no caso da carta ser interceptada pelas autoridades romanas. Quase todas as igrejas no império romano eram constituídas por judeus e gentios. Os judeus que viviam nos dias de João usavam o seu alfabeto tanto na simbologia sonora (fonética) quanto nos seus valores numéricos. Cada letra do alfabeto hebraico tinha um equivalente numérico. A pronúncia hebraica do nome de Nero em documentos da época relativos aos escritos de Apocalipse é *Nrwn Qsr*, que equivale exatamente a 666.¹⁰⁸

3. Outro indicador é a bestialidade da personalidade em si. Nero era verdadeiramente possuído de uma natureza perversa, bestial. Ele foi considerado uma “besta” mesmo pelos seus contemporâneos.¹⁰⁹ “Nero, que matou vários membros da sua própria família (incluindo a sua esposa grávida, morta a pontapés); que era homossexual, o último estágio de depravação (Rm 1.24-32); a quem testemunhar o

¹⁰⁸ “Em alguns antigos manuscritos escriturísticos, o número 666 foi realmente alterado para 616. Certamente não se tratou de um erro de leitura de um antigo copista. Os números 666 e 616 não apresentam similaridades aparentes no grego original – seja na pronúncia como palavras seja na escrita como números. Os acadêmicos textuais são unânimes: deve ter sido intencional. Embora não possamos estar absolutamente certos, um argumento forte e razoável pode ser estabelecido com base na seguinte conjectura: João, um judeu, usou uma pronúncia hebraica para o nome de Nero a fim de chegar à figura 666. Mas quando o Apocalipse começou a circular entre aqueles menos familiarizados com o hebraico, um copista bem intencionado que sabia o significado de 666 pode ter buscado tornar a decifração mais fácil alterando o número para 616. Certamente não é pura coincidência que 616 é o valor numérico de ‘Nero César’, quando pronunciado em hebraico pela transliteração da pronúncia latina mais conhecida” (Gentry, pp. 376-77).

¹⁰⁹ O escritor pagão Apollinius de Tyana, um contemporâneo de Nero, especificamente menciona que Nero era chamado de uma “besta” (ibid., p. 377). Nero deve ter adquirido a alcunha “a besta” em função de algumas das suas atividades perversas. Nero era um sádico pervertido, temido e odiado mesmo pelos pagãos romanos.

sofrimento imposto pelas torturas mais horríveis e degradantes representava o afrodisíaco preferido; que se fantasiou de besta selvagem a fim de atacar e estuprar homens e mulheres encarcerados; que usou corpos de cristãos queimando penetrados em estacas como legítimas “tochas romanas” a fim de iluminar as suas obscenas festas ao ar livre; que lançou a primeira perseguição imperial aos cristãos com a incitação dos judeus, a fim de destruir a igreja; esse pervertido animalesco foi governador do império mais poderoso da terra.” ¹¹⁰

4. João disse que a besta faria guerra contra os santos de Deus. “Diz-se a respeito da Besta, que ‘Foi-lhe dado poder para guerrear contra os santos e vencê-los’ (Ap 13.7). De fato, é dada a ela autoridade para conduzir essa guerra blasfema por um certo intervalo de tempo: 42 meses (Ap 13.5). A perseguição de Nero, que iniciou em 64 A.D., foi mesmo a primeira investida romana contra o Cristianismo, como notado pelos pais da Igreja Eusebius, Tertullian, Paulus Orosius e Sulpicius Severus, bem como pelos historiadores romanos Tacitus e Suetonius.” ¹¹¹ Nero foi assassinado pela espada em 8 de Junho de 68 A.D., e isso pôs fim à sangrenta perseguição contra os crentes. Note que a perseguição dos cristãos por Nero durou 42 meses, exatamente como profetizado pelo apóstolo João em Apocalipse 13.5.

3. A marca da besta

Estamos próximos de receber um código de barras na frente e/ou na mão direita a fim de podermos comprar e vender coisas? O governo caminha no propósito de forçar as pessoas a ter um chip de computador inserido na mão direita para fins de identificação? Ainda que essas coisas sejam possíveis, não têm absolutamente nenhuma relação com a marca da besta citada no Apocalipse. No Antigo Testamento Deus falou da total sujeição à Ele e à Sua lei prendendo-a na testa e amarrando-a como um sinal nos braços: “Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa” (Dt 6.8). Em Apocalipse, aqueles que são fiéis a Cristo, “e seguem o Cordeiro por onde quer que ele vá” (Ap 14.4), são identificados porque “traziam escritos na testa o nome dele [do Cordeiro] e o nome de seu Pai” (Ap 14.1) João também se refere a isso como um

¹¹⁰ Chilton, p. 329.

¹¹¹ Gentry, pp. 377-78.

selo: “Não danifiquem, nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até que selemos as testas dos servos do nosso Deus” (Ap 7.3). O Senhor avisa à Igreja de Filadélfia: “Farei do vencedor uma coluna no santuário do meu Deus, e dali ele jamais sairá. Escreverei nele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém...” (Ap 3.12). João diz que mesmo após a Sua segunda vinda “O Seu nome estará em suas testas” (Ap 22.4). No antigo pacto “Arão levou sobre a testa um diadema que trazia gravado o nome do Senhor, preso na parte da frente da mitra sacerdotal.”¹¹² É óbvio que trazer o nome de Cristo (ou Deus o Pai, Ap 14.1) na fronte não deve ser entendido literalmente, mas como representativo da aliança com Deus, da possessão de Deus e mesmo da presença de Deus o Espírito Santo.

Portanto, a marca da besta deve ser assumida como “a paródia satânica do ‘selo de Deus’ das testas e mãos dos retos... Israel rejeitou Cristo, e é ‘marcada’ com o selo do absoluto senhorio romano; ela se aliou com César, acatando o seu governo e a sua lei. Israel escolheu ser salva pelo estado pagão, e perseguiu aqueles que visavam salvação em Cristo.”¹¹³ A marca da besta é uma imitação barata do selo de Deus ao Seu povo. Aqueles que se submetem a César e ao estado romano têm respeitabilidade social e os seus benefícios (econômicos, políticos, religiosos etc). O estado romano exigiu total submissão a César; todos deveriam fazer uma oferta de incenso a César como sendo Deus. “Todos os habitantes da terra adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida...” (Ap 13.8). Mas os cristãos se negaram a adorar a besta e assim foram perseguidos até a morte e tornaram-se econômica e socialmente proscritos. A marca da besta reflete um coração perverso que adora e serve a César. “A analogia sem dúvida vem da prática de marcar escravos com o sinal do seu proprietário.”¹¹⁴ Os cristãos são escravos de Cristo; todos os demais são escravos de Satanás. Apocalipse 13 focaliza o império romano e a besta Nero César. A realidade se mostra muito desanimadora para a igreja no capítulo 13, mas no capítulo 14 o profeta focaliza a sua atenção sobre Cristo e o Seu povo. Aqueles que perseguem a igreja e que adoram a besta receberão o seu salário: “Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão, também beberá do vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da sua ira. Será ainda atormentado com enxofre

¹¹² Meredith G. Kline, *Images of the Spirit*, (Grand Rapids: Baker, 1980), p. 54.

¹¹³ Chilton, p. 342.

¹¹⁴ Philip Edgcumbe Hughes, *The Book of the Revelation*, pp. 153-54.

ardente na presença dos santos anjos e do Cordeiro, e a fumaça do tormento de tais pessoas sobe para todo o sempre” (Ap 14.9-11). Mas os cristãos serão abençoados: “‘Felizes os mortos que morrem no Senhor de agora em diante.’ Diz o Espírito: ‘Sim, eles descansarão das suas fadigas, pois as suas obras os seguirão’” (v. 13). Embora essas palavras devam confortar os cristãos de todas as eras, foram escritas especificamente para confortar os crentes que sofriam a perseguição de Nero – a Besta.

Essa verdade é confirmada quando se têm em vista os muitos sinais dentro do Apocalipse. João escreveu “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos *o que em breve há de acontecer...* Feliz aquele que lê... porque *o tempo está próximo*. O Senhor, o Deus,... enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos *as coisas que em breve hão de acontecer*” (Ap 1.1-3; 22.6). Jesus Cristo declarou cinco vezes “Virei em breve” (2.16; 3.11; 22.7, 12, 20); Ele estava se referindo à Sua volta para julgar o Israel apóstata e a cumplicidade romana na perseguição à igreja (esse julgamento ocorreu em 67-70 A.D.). Mas Ele prometeu poupar uma igreja piedosa do primeiro século da futura conflagração: “Visto que você guardou a minha palavra de exortação à perseverança, eu também o guardarei da hora da provação que está para vir sobre todo o mundo” (3.10). O propósito das referências ao milênio, à segunda vinda, ao julgamento final e ao estado eterno era dar aos cristãos perseguidos do primeiro século um vislumbre da igreja gloriosa futura. A importância particular do livro de Apocalipse à audiência do primeiro século não deve ser ignorada.



Conclusão

Uma análise do ensino bíblico sobre a segunda vinda de Cristo; o milênio; o reino de Deus; a natureza, o propósito e destino da igreja; as profecias do reino etc., demonstra que o pré-milenismo é anti-bíblico; é exegética e teologicamente inconsistente com o claro ensino da Palavra de Deus. Os pré-milenistas conseguem somente defender a sua doutrina desconsiderando as muitas passagens que ensinam que a ressurreição, o julgamento final e a entrega do reino ao Pai ocorrem no *fim* dos tempos. O surgimento do pré-milenismo nas igrejas evangélicas coincidiu historicamente com o surgimento do pietismo anti-bíblico, do Arminianismo, do Dispensacionalismo e do escapismo. As idéias têm conseqüências; se cristãos não crêem que a lei moral de Deus está vinculada às *nações*; se crêem que o mundo ainda pertence a Satanás, que os cristãos não podem vencer na história, que não são incitados a aplicar a Palavra de Deus a todas as esferas da vida – então serão atraídos a um sistema escatológico que ensina derrota e leva às pessoas a falsa noção de que são livres das suas responsabilidades sociais. Assim, uma doutrina *bíblica* das últimas coisas é crucial se os cristãos pretendem ser sal e luz para a sociedade além de se manter vigorosos e otimistas durante as batalhas que se encontram à frente. Os cristãos precisam retornar ao sistema escatológico ensinado pela Bíblia: o pós-milenismo.